

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil |  
Georges Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar*

*Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente*

# FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS Nº 7  
1º SEMESTRE DE 2003

*Ficções*

*ficcoes@ficcoes.net*

*www.ficcoes.net*

Apartado 23346

1171-801 Lisboa

*Direcção*

Luísa Costa Gomes

*Coordenação*

José Lima

*Capa e orientação gráfica*

Jorge Silva

*Impressão*

Manuel A. Pacheco, Lda - Lisboa

*Distribuição*

Sodilivros

*Tiragem*

1800 exemplares

*Depósito Legal*

182179/02

*Edição*

Tinta Permanente

*tintapermanente@mail.pt*

*Administração*

Empresa de Palavras

Av. Igreja, 9 – 3º Esq.

1700-230 Lisboa

Tel. 296 628 135

© *Ficções* 2003

## Índice

- 5 Guy de Maupassant *O medo* (1882)
- 17 Guy de Maupassant *O medo* (1884)
- 27 Katherine Mansfield *História de um homem casado*
- 49 Robert Musil *A portuguesa*
- 81 Georges Perec *A viagem de inverno*
- 93 Maria Ondina Braga *Estação morta*
- 121 André Ricardo Aguiar *Pequenos terremotos*



Guy de Maupassant

*O medo* (1882)

Tradução de Ana Cardoso Pires

Guy de Maupassant (1850-1893), Henri René Albert Guy de Maupassant, nasceu em Miromesnil, perto de Dieppe, na Normandia, filho de um fidalgo ocioso e vagamente pintor. A mãe, Laure Le Poitevin, mulher culta e literata, é irmã de um grande amigo de Flaubert, Alfred Le Poitevin, ele mesmo casado com a irmã de Gustave de Maupassant, pai do escritor. Os pais separam-se em 1860. Passa a infância e a adolescência com a mãe e o irmão mais novo. É internado num colégio de padres de onde é expulso. Inscreve-se em Direito em Paris e é mobilizado para a guerra franco-prussiana um ano depois. O pai arranja-lhe um substituto, é liberto do Exército e volta a Paris. Entre 1872 e 1880, Maupassant passa por vários Ministérios e por vários empregos, enquanto faz tentativas literárias sob a égide de Louis Boulhet e de Flaubert. *Boule de Suif* é o seu primeiro conto reconhecido e entre 1880 e 1891, com uma constância inexecedível, Maupassant publica cerca de trezentos contos e novelas e seis romances. Vitimado pela sífilis, profundamente deprimido e sofrendo de crises de angústia e de alucinações, faz uma primeira tentativa de suicídio. É internado numa casa de saúde em Passy onde morre louco, dois anos mais tarde. O medo sempre foi a grande paixão de Maupassant. Estes dois contos com o mesmo título e estrutura semelhante foram publicados, o primeiro em 1882 no *Le Gaulois* e depois incluído nos *Contes de La Bécasse* e o segundo em 1884 no *Le Figaro* e depois só em 1907-1910 nas *Oeuvres Complètes* das Éditions Conard.

*A.J.K. Huysmans*

Subimos à coberta depois do jantar. Diante de nós, o Mediterrâneo não tinha um tremor em toda a superfície, que uma grande lua calma fazia brilhar. O grande navio deslizava, atirando para o céu, que parecia semeado de estrelas, uma enorme serpente de fumo negro; e, atrás de nós, a água muito branca, agitada pela passagem rápida da pesada embarcação, castigada pela hélice, espumava, parecia torcer-se e revolia tantos brilhos que se diria a luz da lua em ebulição.

Estávamos ali uns seis ou oito, silenciosos, em contemplação, de olhar voltado para a África longínqua a que nos dirigíamos. O comandante, que estava conosco fumando um charuto, retomou subitamente a conversa do jantar.

– Sim, tive medo naquele dia. O meu navio ficou seis horas com aquele rochedo encravado no bojo, batido pelo mar. A nossa sorte foi sermos recolhidos, para o fim da tarde, por um carvoeiro inglês que nos avistou.

Então, um homem alto, de rosto tisonado e aspecto grave, um daqueles homens que se percebe terem atravessado vastos territórios desconhecidos no meio de perigos incessantes, e cujo olhar tranquilo parece conservar, na sua profundidade, algo das paisagens estranhas que viu – um daqueles homens que adivinhamos forjados na coragem, falou pela primeira vez:

– Está a dizer, comandante, que teve medo; não acredito nada nisso. Engana-se em relação à palavra e à sensação que experimentou. Um homem enérgico nunca tem medo diante do perigo premente. Fica impressionado, agitado, ansioso; mas o medo é outra coisa.

O comandante replicou, rindo:

– Caramba! Estou a dizer-lhe que tive mesmo medo.

Então, o homem de tez bronzeada disse pausadamente:

– Permita que me explique! O medo (e os homens mais intrépidos podem sentir medo) é algo assustador, uma sensação atroz, uma espécie de dilaceração da alma, um espasmo horroroso do raciocínio e do coração, cuja simples lembrança provoca calafrios angustiantes. Mas isso não acontece, quando se é corajoso, nem diante de um ataque, nem diante da morte inevitável, nem diante de qualquer das formas conhecidas de perigo; acontece em certas circunstâncias anormais, sob certas influências misteriosas e perante riscos vagos. O verdadeiro medo é como uma reminiscência dos terrores fantásticos de outrora. Um homem que acredita em almas penadas e que imagina estar a ver um espectro à noite deve sentir o medo em todo o seu insuportável horror.

Pessoalmente, senti o medo em pleno dia, há cerca de dez anos. Tornei a senti-lo no Inverno passado, numa noite de Dezembro.

E, no entanto, já passei por muitos perigos, por muitas aventuras que pareciam mortais. Entrei em muitas lutas. Fui deixado como morto por ladrões. Fui condenado à forca como insurrecto, na América, e fui atirado ao mar da ponte de um navio, nas costas da China. Sempre que me julguei perdido, assumi imediatamente a minha defesa, sem compaixão e sem lamentos sequer.

Mas o medo não é isso.

Pressenti-o em África. E no entanto, ele é filho do Norte; o sol dissipa-o como ao nevoeiro. Reparem bem, cavalheiros. Para os orientais, a vida não tem valor; a resignação é imediata; as noites são límpidas e sem lendas e as almas igualmente livres das inquietações sombrias que atormentam os cérebros nos países frios. No Oriente, podem conhecer o pânico, mas ignoram o medo.

Pois bem: eis o que me aconteceu nessa terra de África:

“Fazia a travessia das grandes dunas ao sul de Ouargla. É uma das mais estranhas regiões do mundo. Os senhores conhecem a areia compacta, a areia lisa das intermináveis praias do oceano. Pois bem: imaginem o próprio oceano transformado em areia no meio de uma borrasca; imaginem uma tempestade silenciosa com vagas imóveis feitas de poeira amarela. São altas como montanhas, essas vagas, desiguais, diferentes, erguidas exactamente como numa maré enraivecida, mas muito maiores, e estriadas como o chamalote. Sobre esse mar

furioso, mudo e imóvel, o devorador sol meridional jorra a sua chama implacável e directa. É preciso escalar essas vagas de cinza de ouro, voltar a descer, escalar novamente, escalar sempre, sem descanso e sem sombra. Os cavalos arquejam do esforço, afundam-se até aos joelhos e deixam-se resvalar pela outra vertente das surpreendentes colinas.

Éramos dois amigos, acompanhados por oito *spahis* e quatro camelos com os respectivos cameleiros. Já não falávamos, prostrados pelo calor e pela fadiga, ressequidos de sede como aquele deserto ardente. De súbito, um dos homens soltou uma espécie de grito; todos pararam; e ficámos imóveis, surpreendidos por um inexplicável fenómeno conhecido dos viajantes daquelas paragens perdidas.

Algures perto de nós, numa direcção indeterminada, rufava um tambor, o misterioso tambor das dunas. Rufava distintamente, ora mais vibrante, ora mais fraco, parando e recomeçando o seu fantástico rufar.

Os árabes, aterrorizados, olhavam uns para os outros; e um disse, na sua língua: 'A morte paira sobre nós'. E de repente, o meu companheiro, meu amigo, quase meu irmão, caiu do cavalo, de cabeça, fulminado por uma insolação.

E durante duas horas, enquanto tentava em vão salvá-lo, aquele tambor invisível não cessou de me encher os ouvidos com o seu barulho monótono, intermitente e incompreensível; e eu sentia o medo, o verdadeiro medo, o medo horrendo, insinuar-se nos meus ossos, diante daquele morto querido, naquele buraco incendiado pelo sol, entre quatro montes de areia, enquanto o eco desconhecido nos lançava, a duzentas léguas

de qualquer aldeia francesa, o rufar rápido do tambor.

Naquele dia compreendi o que é ter medo; soube-o ainda melhor de outra vez...”

O comandante interrompeu o narrador:

– O senhor desculpe-me, mas esse tambor? O que era?

O viajante respondeu:

– Não faço ideia. Ninguém sabe. Os oficiais, frequentemente surpreendidos por esse ruído singular, atribuem-no geralmente ao eco ampliado, multiplicado, desmesuradamente aumentado pelos vales formados pelas dunas, gerado por saraivadas de grãos de areia carregados pelo vento e que esbarram em tufo de ervas secas. Porque sempre se observou que o fenómeno ocorre na proximidade de umas plantinhas queimadas do sol, duras como pergaminho.

Esse tambor não seria, pois, senão uma espécie de miragem de som. Apenas isso. Mas só o soube mais tarde.

Agora, a minha segunda emoção.

“Foi no Inverno passado, numa floresta do nórdeste da França. A noite tinha chegado duas horas mais cedo, de tal modo o céu estava escuro. Tinha como guia um camponês que caminhava a meu lado por um trilho ínfimo, sob uma abóbada de abetos, através dos quais o vento desabrido uivava. Por entre as copas, via passarem nuvens à desfilada, nuvens desvairadas que pareciam fugir de algo pavoroso. Por vezes, no meio de um estrondo violento, toda a floresta se inclinava na mesma direcção, com um gemido de dor; e o frio invadia-me, apesar do meu passo rápido e das minhas roupas pesadas.

Íamos cear e dormir à casa de um guarda florestal, que já não estava longe. Eu estava ali para caçar.

O meu guia, de vez em quando, erguia os olhos e murmurava: 'Que tempo desgraçado!' Depois falou-me das pessoas para casa de quem íamos. O pai tinha morto um caçador furtivo, dois anos antes, e, desde então, ficara taciturno, como que dominado por uma recordação. Os dois filhos, casados, viviam com ele.

As trevas eram cerradas. Não via nada à minha frente nem à minha volta, e a ramagem das árvores que se entrechocavam enchia a noite de um murmúrio incessante. Por fim, avistei uma luz e em breve o meu companheiro estava a bater a uma porta. Gritos agudos de mulheres vieram em resposta. Depois, uma voz de homem, uma voz estrangulada, perguntou: 'Quem vem lá?' O meu guia identificou-se. Entrámos. Era um quadro inesquecível.

Um velho de cabelos brancos, de olhar ensandecido, com a espingarda carregada na mão, esperava-nos de pé no meio da cozinha, enquanto dois mocetões, armados de machados, guardavam a porta. Divisei nos cantos sombrios duas mulheres ajoelhadas, de rosto escondido, virado para a parede.

Explicámo-nos. O velho voltou a encostar a arma à parede e mandou preparar o meu quarto; depois, como as mulheres não se movessem, disse-me bruscamente: 'Sabe, senhor, matei um homem faz esta noite dois anos. No ano passado, ele apareceu a chamar-me. Espero-o ainda esta noite'.

E acrescentou, num tom que me fez sorrir: 'Por isso, não nos sentimos em paz.'

Tranquilei-o como pude, feliz por ter vindo precisamente nessa noite e assim assistir ao espectáculo

daquele terror supersticioso. Contei algumas histórias e consegui praticamente acalmar toda a gente.

Junto à lareira, um velho cão, quase cego e de grandes bigodes, um daqueles cães que se parecem com pessoas nossas conhecidas, dormia com o focinho entre as patas.

Lá fora, a tempestade enfurecida abatia-se sobre a casita e, por uma vidraça estreita, uma espécie de postigo junto à porta, vi de repente uma grande agitação de árvores açoitadas pelo vento, iluminadas por grandes relâmpagos.

Apesar dos meus esforços, percebia que um terror profundo dominava aquelas pessoas e, sempre que parava de falar, todos os ouvidos se fixavam ao longe. Cansado de assistir a tais medos imbecis, ia pedir para me deitar quando, de repente, o velho guarda saltou da cadeira, voltou a pegar na espingarda, balbuciando numa voz desnordeada: 'Ele está aqui! Ele está aqui! Estou a ouvi-lo!'

As duas mulheres tornaram a cair de joelhos nos seus cantos, escondendo o rosto; e os filhos voltaram a pegar nos machados. Ia tentar acalmá-los de novo, quando o cão adormecido despertou bruscamente, levantou a cabeça, esticou o pescoço, fitou o fogo com o seu olhar quase cego, e soltou um daqueles uivos lúgubres que sobressaltam os viajantes, à noitinha, nos campos. Todos os olhos se voltaram para ele, agora imóvel, direito sobre as patas, como dominado por uma visão; e voltou a uivar na direcção de qualquer coisa invisível, desconhecida, medonha sem dúvida, pois o pêlo eriçou-se todo.

O guarda, lívido, gritou: 'Ele está a senti-lo! Ele está a senti-lo! Ele estava lá quando eu o matei'. E as

duas mulheres, desnorteadas, puseram-se ambas a uivar com o cão.

Involuntariamente, um grande arrepio percorreu-me a espinha. Aquela visão do animal, naquele lugar, àquela hora, no meio daquela gente alucinada, era um espectáculo aterrorador.

E durante uma hora, o cão uivou sem se mover; uivou como na angústia de um pesadelo; e o medo, um medo assombroso, apoderou-se de mim. Medo de quê? E eu sei? Era o medo, só isso.

Permanecemos imóveis, lívidos, na expectativa de um acontecimento pavoroso, de ouvido à escuta, coração aos pulos, sobressaltados pelo mínimo ruído. E o cão pôs-se a andar em torno da sala, farejando as paredes, sempre a ganir. Aquele animal estava a pôr-nos loucos! Então, o camponês que me tinha trazido até ali, atirou-se a ele, numa espécie de paroxismo de terror insano, e, abrindo uma porta que dava para um pequeno pátio, atirou-o lá para fora.

O bicho calou-se imediatamente; e ficámos mergulhados num silêncio ainda mais aterrorador. De súbito, todos à uma, tivemos uma espécie de sobressalto: um ser deslizava encostado à parede exterior, do lado da floresta; depois, passou pela porta, que pareceu tactear com uma mão hesitante; *depois não se ouviu mais nada durante dois minutos que nos fizeram enlouquecer*; depois voltou, sempre a roçar na parede; e raspou ligeiramente, como faria uma criança com a unha; depois, subitamente, surgiu uma cabeça no vidro do postigo, uma cabeça branca, com olhos luminosos como os das feras. E a boca emitiu um som, um som indistinto, um murmúrio lamentoso.

Então, um estrondo enorme ressoou na cozinha. O velho guarda tinha disparado. E imediatamente, os filhos precipitaram-se a bloquear o postigo, pondo ao alto a enorme mesa, que sustiveram arrimando-lhe o aparador.

E juro-vos que, ao ouvir o estampido do tiro, que não esperava de todo, senti uma tal angústia no coração, na alma e no corpo, que me senti desfalecer, prestes a morrer de medo.

Ficámos ali até à chegada da aurora, incapazes de nos mexermos, de dizermos uma palavra, crispados num pânico inenarrável.

Ninguém ousou desobstruir a saída até apercebermos, pela fenda de um telheiro, um ténue raio de dia.

Junto à parede, contra a porta, jazia o velho cão, de garganta despedaçada por uma bala.

Saíra do pátio através de um buraco que tinha cavado por debaixo de uma cerca.”

O homem de rosto moreno calou-se; depois acrescentou:

– E no entanto, naquela noite, não corri perigo nenhum; mas preferia reviver todas as horas em que enfrentei os mais terríveis perigos do que aquele único minuto do tiro, na cabeça barbada ao postigo.

*(23 de Outubro de 1882)*



## *O medo* (1884)

O comboio desfilava a todo o vapor, nas trevas.

Eu estava sozinho, diante de um velho senhor que olhava pela portinhola. Cheirava muito a fenol naquela carruagem do Paris-Lião-Marselha, que vinha manifestamente de Marselha.

Era uma noite sem lua, sem ar, escaldante. Não se via uma única estrela e o bafo do comboio veloz atirava-nos com uma coisa quente, mole, opressiva, irrespirável.

Sáidos de Paris três horas antes, avançávamos para o centro da França sem ver nada das regiões que atravessávamos.

Foi de repente, como uma aparição fantástica. À volta de uma grande fogueira, num bosque, estavam dois homens de pé.

Vimo-lo por um segundo: eram, pareceu-nos, dois miseráveis, andrajosos, vermelhos do reflexo resplandecente da fogueira, com os rostos barbudos voltados para nós e, em seu redor, como um cenário de drama, as

árvores verdes, de um verde claro e luzidio, com troncos marcados pelo vívido reflexo da chama e a folhagem atravessada, penetrada, molhada pela luz que corria dentro dela.

Depois, voltou a ficar tudo negro.

Foi realmente uma visão muito estranha! Que faziam, naquela floresta, aqueles dois vagabundos? Porquê aquela fogueira numa noite abafada?

O meu vizinho puxou do relógio e disse-me:

– É precisamente meia-noite, caro senhor, e acabamos de presenciar uma coisa inusitada.

Concordei com ele e começámos a conversar, procurando saber o que podiam ser aqueles personagens: malfeitores que queimavam provas ou feiticeiros que preparavam um elixir? Não se acende um lume daqueles, à meia-noite, em pleno Verão, para fazer uma sopa. Então, o que estavam eles a fazer? Não conseguimos imaginar nada de verosímil.

E o meu vizinho pôs-se a falar... Era um velhote, cuja profissão não consegui de todo determinar. Seguramente um excêntrico, bastante culto e parecendo talvez um pouco desajustado.

Mas sabemos nós distinguir os sábios dos loucos, nesta vida em que à razão deveria, em muitos casos, chamar-se disparate e à loucura génio?

Dizia ele:

“Gostei de ter visto aquilo. Senti, por instantes, uma sensação extinta!

Como a terra devia ser perturbadora outrora, quando era tão misteriosa!

À medida que se levantam os véus do desconhecido, despoeva-se a imaginação dos homens. Não acha, caro

senhor, que a noite ficou tão vazia e de um negro tão vulgar desde que deixou de haver aparições?

Dizemo-nos: 'Acabou o fantástico, acabaram as crenças estranhas, todo o inexplicado é explicável. O sobrenatural seca, como um lago esgotado por um canal; a ciência, dia após dia, faz recuar os limites do maravilhoso.'

Pois bem, eu, caro senhor, pertencço à velha raça que gosta de acreditar. Pertencço à velha raça ingénuo, acostumada a não compreender, a não procurar, a não saber, feita aos mistérios envolventes e que se recusa à simples e clara verdade.

É, caro senhor: despovoámos a imaginação ao interceptar o invisível. A nossa terra apresenta-se-me hoje como um mundo abandonado, vazio e despido. As crenças que a tornavam poética desapareceram. Quando saio à noite, como gostava de sentir os calafrios dessa angústia que faz persignarem-se as velhas ao longo dos muros dos cemitérios e fugirem os últimos supersticiosos diante dos estranhos vapores dos pântanos e dos caprichosos fogos-fátuos! Como gostava de acreditar nessa coisa vaga e aterradora que imaginávamos sentir passar na penumbra.

Como a escuridão das noites devia ser lúgubre, terrível, outrora, quando estava repleta de seres fabulosos, desconhecidos, de vagabundos malvados, cujas formas não se conseguiam adivinhar, cuja percepção gelava o coração, cujos poderes ocultos ultrapassavam as raias do nosso pensamento e cujo ataque era inevitável!

Com o sobrenatural, desapareceu da terra o verdadeiro medo, pois só temos verdadeiramente medo

do que não compreendemos. Os perigos visíveis podem emocionar, perturbar, aterrorizar! Mas o que é isso ao pé da convulsão que dá à alma o pensamento de que vamos encontrar um fantasma errante, sofrer o amplexo de um morto, ver surgir uma daquelas feras aterrorizadoras que o pavor dos homens inventou? As trevas parecem-me claras desde que deixaram de estar assombradas.

E a prova disso está em que, se nos víssemos de repente sós naquele bosque ali atrás, seríamos perseguidos pela imagem dos dois seres estranhos que nos acabam de aparecer à luz da fogueira, muito mais do que pela percepção de um qualquer perigo real.”

Repetiu: “Só temos verdadeiramente medo do que não compreendemos.”

E de repente, assaltou-me uma recordação, a recordação de uma história que Turgueniev contou, certo domingo, em casa de Gustave Flaubert.

Não faço ideia se a terá escrito algures.

Ninguém, como o grande romancista russo, soube fazer passar na alma esse calafrio do desconhecido velado e, na penumbra de um conto estranho, deixar entrever um mundo de coisas inquietantes, incertas, ameaçadoras.

Com ele, sente-se bem esse medo vago do invisível, o medo do desconhecido que está atrás da parede, atrás da porta, atrás da vida aparente. Com ele, somos bruscamente banhados por luzes duvidosas, que iluminam apenas o suficiente para aumentar a nossa angústia.

Parece mostrar-nos, por vezes, o significado de coincidências bizarras, avaliações inesperadas de circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que são

guiadas por uma vontade oculta e matreira. Com ele, temos a sensação de que um fio imperceptível nos guia de uma forma misteriosa através da vida, como por um sonho nebuloso cujo sentido nos escapa infundavelmente.

Não entra decididamente pelo sobrenatural, como Edgar Poe ou Hoffmann; conta histórias simples, em que mistura apenas algo um pouco vago e perturbador.

Também ele disse, naquele dia: “Só temos verdadeiramente medo daquilo que não compreendemos de todo.”

Estava sentado, ou melhor, enterrado num cadeirão, com os braços descaídos e as pernas esticadas e lassas, de cabeça completamente branca, afogado naquele grande mar de barba e de cabelo prateados que lhe davam o aspecto de um Padre Eterno ou de um Neptuno de Ovídio.

Falava pausadamente, com uma certa preguiça que dava encanto às frases e uma certa hesitação na língua um pouco pesada que sublinhava a justa coloração das palavras. Os olhos pálidos, muito abertos, reflectiam, como os de uma criança, todas as emoções do seu raciocínio.

Contou-nos o seguinte:

Era jovem e andava a caçar numa floresta da Rússia. Tinha caminhado todo o dia e chegou, para o fim da tarde, à beira de um rio tranquilo.

Corria por baixo e pelo meio das árvores, cheio de plantas flutuantes, profundo, fresco e claro.

O caçador foi assolado por uma necessidade imperiosa de se atirar àquela água transparente. Despiu-se e lançou-se à corrente. Era um rapaz muito grande e forte, nadador intrépido e vigoroso.

Deixou-se flutuar calmamente, de espírito tranquilo,

com as ervas e as raízes a roçarem-se nele, feliz por sentir contra a carne o deslizar suave das lianas.

De súbito, uma mão pousou-lhe no ombro.

Voltou-se num sobressalto e viu um ser horroroso, que o observava avidamente.

Assemelhava-se a uma mulher ou uma criatura simiesca. Tinha uma cara enorme, toda enrugada, e ria, fazendo esgares. Duas coisas inomináveis, por certo duas mamas, flutuavam diante dela e uma cabeleira desmesurada, emaranhada, ruça do sol, cercava-lhe o rosto e flutuava-lhe sobre as costas.

Turgueniev sentiu-se trespassado pelo medo horrendo, o medo glacial das coisas sobrenaturais.

Sem reflectir, sem meditar, sem compreender, pôs-se a nadar desesperadamente para a margem. Mas o monstro nadava ainda mais depressa e tocava-lhe no pescoço, nas costas, nas pernas, com risadinhas de contentamento. O jovem, louco de terror, acabou por alcançar a margem e pôs-se a correr a toda a velocidade através do bosque, sem sequer se lembrar de recuperar as suas roupas e a espingarda.

O ser pavoroso perseguiu-o, correndo tão depressa como ele, sempre a grunhir.

O fugitivo, à beira de esgotar as forças e tolhido pelo terror, ia a cair quando uma criança que guardava cabras acorreu, armada com um chicote; pôs-se a bater na repelente besta humana, que fugiu, soltando gritos de dor. E Turgueniev viu-a desaparecer por entre a ramagem, semelhante a uma fêmea de gorila.

Era uma louca que vivia há mais de trinta anos naquele bosque, da caridade dos pastores, e que passava grande parte do dia a nadar no rio.

O grande escritor russo acrescentou: “Nunca tive tanto medo na vida, porque não percebi o que podia ser aquele monstro.”

O meu companheiro, a quem contei esta aventura, retomou a palavra:

“Pois é, só temos medo do que não compreendemos. Só se experimenta a tenebrosa convulsão da alma chamada pavor, quando ao medo se mistura um pouco do terror supersticioso dos séculos passados. Pessoalmente, senti esse pavor na sua máxima expressão de horror, e por uma coisa tão simples, tão estúpida, que me custa dizê-lo.

Viajava pela Bretanha, sozinho, a pé. Tinha andado por Finisterra, por charnecas desoladas, terras despidas onde não cresce senão o tojo, perto das grandes pedras sagradas, pedras assombradas. Tinha visitado a velha e sinistra Pointe du Raz, esse pedaço do velho mundo onde se confrontam eternamente dois oceanos: o Atlântico e a Mancha; tinha o espírito cheio de lendas, de histórias, lidas ou contadas, sobre aquela terra de crenças e superstições.

Caminhava de Penmarch para Pont-l’Abbé, de noite. Conhece Penmarch? Uma costa plana, muito plana, baixa, abaixo do nível do mar, ao que parece. Por todo o lado, ameaçador e cinzento, vê-se um mar cheio de baixios, espumando como feras enraivecidas.

Tinha jantado numa tasca de pescadores e seguia agora por uma estrada direita, entre duas charnecas. Estava muito escuro.

De vez em quando, uma pedra druídica, semelhante a um fantasma erecto, parecia observar a minha

passagem; e aos poucos, foi entrando em mim uma vaga apreensão. De quê? Não fazia ideia. São noites em que sentimos espíritos roçarem-se por nós, em que a alma estremece sem motivo, em que o coração bate pelo temor confuso daquele algo invisível cuja perda lamento.

Aquela estrada parecia-me longa; interminavelmente longa e vazia.

Não havia outro ruído senão o fragor da rebentação, ao longe, atrás de mim; e por vezes, esse barulho monótono e ameaçador parecia muito próximo, tão próximo que o imaginava atrás de mim, correndo pela planície com a sua frente de espuma, e sentia vontade de sair dali depressa, de fugir a sete pés diante dele.

O vento, um vento baixo que soprava por rajadas, assobiava no tojo em meu redor. E apesar de caminhar muito depressa, sentia frio nos braços e nas pernas: o terrível frio da angústia.

Oh, o que eu daria para encontrar alguém!

Estava tão escuro que já mal distinguia a estrada.

E de repente, ouvi, à minha frente, muito longe, o barulho de um rodado. Pensei: 'Olha, um carro'. Mas deixei de o ouvir.

Passado um minuto, identifiquei claramente o mesmo ruído, mais próximo.

No entanto, não via luz nenhuma; mas disse para comigo: 'Não trazem luzes. Não é de espantar, neste país de selvagens.'

O barulho voltou a parar, depois recomeçou. Era muito fraco para ser de uma carroça; e além disso, não ouvia o trote do cavalo, o que estranhei, pois a noite estava silente.

Pus-me à escuta: 'Que será isto?'

Aproximava-se depressa, muito depressa! E a verdade é que ouvia apenas uma roda – nenhum som de ferraduras nem de passos, nada. O que era aquilo?

Estava muito, muito próximo; atirei-me para uma vala, num impulso de medo instintivo; e vi passar por mim um carrinho de mão, que rolava... sozinho, sem ninguém a empurrá-lo... Sim... um carrinho de mão... sozinho...

O meu coração pôs-se a bater com tal violência que me acoitei nas ervas e fiquei a escutar o barulho da roda a afastar-se, rolando na direcção do mar. E não me atrevia a levantar-me, nem a andar, nem a fazer qualquer movimento; porque se ele tivesse voltado para trás, se me tivesse perseguido, teria morrido de terror.

Demorei muito tempo a recompor-me, muito tempo mesmo. E fiz o resto do caminho com uma angústia tal na alma que o mínimo barulho me cortava o fôlego.

Não é idiota, diga lá? Mas que medo! Meditando naquilo mais tarde, percebi; esse carinho de mão era conduzido, sem dúvida, por uma criança descalça; e eu tinha procurado a cabeça de um homem à altura normal!

Está a compreender... quando já se tem no espírito um calafrio pelo sobrenatural... um carrinho de mão que se desloca... sozinho... Que medo!”

Calou-se por um segundo e voltou a falar:

“Veja, caro senhor. Estamos a assistir a um espectáculo curioso e terrível: o presente surto de cólera!

Sentimos o cheiro do fenol que envenena estas carruagens, porque ele está por aí algures.

É preciso ver Toulon nesta altura. Aí sim, sente-se perfeitamente que Ele anda por lá. E não é o medo de

uma doença que enlouquece as pessoas. A cólera é outra coisa, é o Invisível, é uma praga de outrora, dos tempos passados, uma espécie de Espírito malfazejo que regressa e nos espanta tanto como nos aterroriza, porque pertence, ao que se julga, a tempos que já lá vão.

Os médicos dão-me vontade de rir com o seu micróbio. Não é um insecto que aterroriza os homens ao ponto de os fazer atirarem-se pela janela; é a cólera, o ser inexprimível e terrível, vindo das profundezas do Oriente.

Atravessa-se Toulon e as pessoas dançam nas ruas.

Porquê dançar, nestes dias de morte? Lançam-se fogos de artifício nos campos em torno da cidade; acendem-se fogueiras festivas; as orquestras tocam peças festivas em todos os passeios públicos.

Porque Ele está ali; porque se quer desafiar não o Micróbio, mas a Cólera, e a gente quer-se mostrar valente diante dela, como se fosse um inimigo escondido que nos espreita. É por ele que se dança, que se ri, que se grita, que se acendem fogueiras, que se tocam valsas; por ele, o Espírito que mata, e que se sente presente em toda a parte, invisível, ameaçador, como um daqueles antigos génios do mal que os sacerdotes bárbaros conjuravam...”

*(25 de Julho de 1884)*

Katherine Mansfield

*História de um homem casado*

Tradução de Clara Rowland

**Katherine Mansfield** (1888-1923) nasceu em Wellington, Nova Zelândia, embora tenha vivido a maior parte da sua vida em Inglaterra. Os seus primeiros contos aparecem na revista *The New Age*, sendo *In a German Pension* (1911) o primeiro livro, que reúne uma série de esboços satíricos de personagens que encontrara durante uma viagem na Baviera. A partir de então, começa a colaborar regularmente em *Rhythm*, editada por John Middleton Murry, com quem virá a casar. Doente com tuberculose, Katherine Mansfield vive grande parte dos últimos anos de vida na Suíça e em França, onde acabará por morrer, em Fontainebleau. Em 1916, publica *Prelude*, que revela já o perfeito domínio de um universo pessoal. Em 1920 publica *Bliss*, uma colecção de contos que reflecte as memórias familiares da autora e mais tarde *The Garden Party* (1922), também o último livro a ser publicado em vida. Postumamente, o marido editou ainda duas novas colecções de contos: *The Dove's Nest* (1923) e *Something Childish* (1924), além do diário e da correspondência da autora. A primeira daquelas colecções inclui vários contos incompletos, entre eles *A Married Man's Story* (1918), inédito em português, que incluímos neste número de *Ficções*. Sendo ela própria muito influenciada por Tchekov, Katherine Mansfield teve um impacto decisivo na evolução do conto como forma literária, vindo a influenciar muitos escritores que lhe sucederam. Embora incompleto, o conto *História de um Homem Casado* é talvez o seu texto mais interessante do ponto de vista formal, colocando-a entre os grandes modernistas e experimentalistas do seu tempo.

## I

Anoitece. Acabámos de comer. Deixámos a sala de jantar pequena e fria, voltámos para a sala onde há uma lareira acesa. Tudo está como de costume. Sentome à secretária, atravessada a um canto, de modo que fico atrás dela e de frente para a sala. O candeeiro com o quebra-luz verde está aceso; tenho à minha frente dois grandes livros de consulta, ambos abertos, uma pilha de papéis... Toda a parafernália, na verdade, de um homem extremamente ocupado. A minha mulher, com o filho ao colo, está numa cadeira baixa em frente da lareira. Daqui a pouco irá deitá-lo, antes de levantar a mesa e empilhar os pratos na cozinha para a criada amanhã de manhã. Mas o calor, o silêncio e o bebé sonolento deixaram-na sonhadora. Ele tem posta uma das botinhas de lã vermelha, a outra não. Ela está sentada, inclinada para a frente, apertando com a mão o pezinho descalço da criança, olhando para a luz brilhante e, à medida que o fogo espevita, esmorece,

flameja, a sombra dela – uma imensa *Virgem com o Menino* – está aqui e logo se vai parede acima.

Lá fora chove. Gosto de pensar na janela fria e encharcada por trás da persiana e, mais além, nos arbustos escuros no jardim, as folhas largas brilhantes da chuva e, para lá da cerca, a estrada reluzente com as duas pequenas valetas a cantar, com voz rouca, ao desafio e os reflexos vacilantes dos candeeiros, como rabos de peixe. Enquanto aqui estou, estou ali, erguendo os olhos para o céu sombrio, e parece-me que deve estar a chover no mundo todo – que a terra toda está encharcada, que ressoa com um leve tamborilar rápido ou com um martelar forte e constante, ou que gorgoleja e algo parecido com soluços e risos misturados, e aquele salpicar leve e saltitante que é o da água ao cair nos lagos parados e nos rios que correm. E no mesmíssimo instante estou a chegar a uma cidade desconhecida, deslizando para baixo da capota da tipóia enquanto o condutor com o chicote tira a capa ao cavalo que resfolega, e corro de abrigo em abrigo, fugindo de alguém, desviando-me de alguém. Tenho consciência das casas altas, com as suas portas e persianas fechadas contra a noite, das varandas a pingar e dos vasos empapados. Atravesso jardins desertos e deparo-me com pavilhões que cheiram a humidade (sabem como é macia e quase se esboroa a madeira de um pavilhão debaixo de chuva); estou no cais escuro pondo o meu bilhete na mão molhada e vermelha do velho marinheiro de oleado. Como é forte o cheiro do mar! Que barulho fazem os barcos atados ao baterem uns nos outros! Atravesso o campo de feno molhado, com um saco velho de serapilheira na cabeça, de lanterna na mão, quando o cão de guarda, como

um capacho ensopado, salta, sacode-se para cima de mim. E agora caminho numa estrada deserta – é impossível evitar as poças, e as árvores mexem-se – mexem-se.

Mas podia-se prolongar eternamente este catálogo – mais e mais – até levantar a única folha do jarro e descobrir os minúsculos caracóis agarrados, até contar... e então? Não são estes apenas os sinais, os vestígios de como me sinto? O rasto verde e brilhante feito por alguém que caminha sobre a relva húmida do orvalho? Não o sentimento em si. E enquanto penso nisso uma voz de luto e de glória começa a cantar dentro do meu peito. Sim, se calhar está mais perto do que quero dizer. Que voz! Que poder! Que suavidade de veludo! Maravilhosa!

De repente a minha mulher vira-se. Sabe – há quanto tempo o sabe? – que não estou a “trabalhar”. É estranho que com o seu olhar cheio, aberto, ela sorria tão timidamente – e que diga com uma voz tão hesitante: “Em que pensas?”

Eu sorrio e passo dois dedos pela testa, um jeito meu. “Em nada”, respondo baixinho.

Com isto ela mexe-se e, ainda a tentar fazer com que não pareça importante, diz, “Oh, mas estavas com certeza a pensar em alguma coisa!”

Então olho-a verdadeiramente nos olhos, olho-a plenamente, e parece-me que o seu rosto estremece. Será que nunca se vai habituar a estas simples – digamos assim – mentiras quotidianas? Será que nunca vai aprender a não se expor – ou a criar defesas?

“É verdade, não estava a pensar em nada.”

Lá está! Parece-me ver a frase a acertar nela. Vira-

-se, tira a outra bota do bebê, senta-o e começa a desabotoá-lo por trás. Pergunto-me se aquele pequeno embrulho redondo e macio vê alguma coisa, sente alguma coisa? Agora vira-o de barriga para baixo, em cima do joelho, e a esta luz, agitando os braços e pernas macios, é extraordinariamente parecido com um pequeno caranguejo. Coisa estranha é que não o consiga relacionar comigo e com a minha mulher – nunca o aceitei como nosso. Sempre que chego à entrada e vejo o carrinho, dou por mim a pensar: “Hmm, alguém trouxe um bebê!” Ou, quando o choro dele me acorda a meio da noite, sinto-me tentado a culpar a minha mulher por tê-lo trazido lá de fora. A verdade é que, apesar de se poder suspeitar que ela tenha fortes sentimentos maternos, não me parece o tipo de mulher capaz de gerar crianças no seu corpo. Há uma diferença enorme! Onde estão aqueles... à-vontade animal e ar de brincadeira, o beijocar, os mimiños que aprendemos a esperar das jovens mães? Ela não mostra sinal de nada disso. Acredito que quando ela lhe aperta a touca se sente uma tia e não uma mãe. Mas é claro que posso estar enganado; pode ter por ele uma dedicação apaixonada... Acho que não. De qualquer maneira, não será um bocadinho indecente sentir estas coisas em relação à própria mulher? Indecentes ou não, é o que sinto. E outra coisa. Será sensato esperar que a minha mulher, uma *mulher de coração despedaçado*, passe o tempo todo a remexer no bebê? Mas estou a falhar o alvo. Ela nem começou nestas remexidelas, quando tinha o coração inteiro.

E agora foi deitar o bebê. Ouço os seus passos suaves e medidos entre a sala de jantar e a cozinha, para a

frente e para trás, ao som do tinir dos pratos. E agora fez-se silêncio. O que se passa? Oh, sei com a mesma certeza que teria se tivesse ido lá ver – ela está de pé, no meio da cozinha, de frente para a janela chuvosa. De cabeça inclinada, com um dedo segue qualquer coisa – nada – na mesa. Está frio na cozinha; o gás estremece; a torneira pinga; é um quadro lúgubre. E ninguém vai aparecer por trás dela, abraçá-la, beijar-lhe o cabelo macio, levá-la para junto da lareira e esfregar-lhe as mãos até ficarem quentes outra vez. Ninguém a vai chamar nem perguntar-se o que é que ela está ali a fazer. E ela sabe-o. No entanto, sendo mulher, lá no fundo, bem no fundo, espera realmente que o milagre aconteça; preferia realmente abraçar esse engano, sombrio, sombrio, a viver – assim.

## II

Viver assim... Escrevo estas palavras com muito cuidado, com muito esmero. Por alguma razão sinto-me tentado a assiná-las, ou a escrever por baixo – Experimentando uma Caneta Nova. Mas, a sério, não é impressionante pensar no que pode conter uma pequena frase de ar inocente? É uma tentação – é uma tentação terrível. Cena: a mesa de jantar. A minha mulher acaba de me passar a chávena de chá. Mexo-o, levanto a colher, persigo ociosamente e apanho com cuidado um niquinho duma folha de chá e, depois de o trazer para a margem, murmuro, baixinho: “Quanto tempo vamos continuar a viver assim?” E vem imediatamente o famoso “clarão ofuscante e barulho ensurdecador. Destroços gigantescos... (devo dizer que gosto de destroços) são atirados para o ar... e quando as

nuvens negras de fumo se dissipam...” Mas isto nunca irá acontecer; nunca o viverei. Irão encontrá-lo “intacto” dentro de mim, como costumam dizer. “Abram-me o coração e verão...”

Porquê? Ah, aí é que me apanham! Aí está a pergunta a que é mais difícil responder. Porque ficam juntas as pessoas? Descontando “por causa das crianças”, “o hábito de anos” e “razões económicas” como disparates de advogado – não são muito mais do que isso –, se alguém tentar realmente perceber porque é que as pessoas não se separam, descobre um mistério. É porque não podem; estão ligadas. E ninguém no mundo, a não ser as próprias, sabe quais são os laços que as ligam. Estou a ser obscuro? Bem, mas isto também não é lá muito cristalino, pois não? Deixem-me explicar. Imaginem que primeiro ele e depois ela se vos confiam inteiramente. Imaginemos que sabem tudo o que há para saber sobre a situação. E depois de lhes terem dedicado a mais profunda compreensão, mas também a mais honesta imparcialidade crítica, declaram, com muita calma (mas não sem uma leve sugestão de júbilo – porque existe – juro que existe – nos melhores de nós – algo que salta e grita “a-aah” de alegria à ideia de destruir): “Bem, a minha opinião é que vocês se devam separar. Não vão fazer bem a ninguém se ficarem juntos. Parece-me até que o vosso dever é libertarem-se um ao outro.” Que acontece? Ele – e ela – estão de acordo. Estão convencidos do mesmo. Estão apenas a dizer-lhes o que eles pensaram durante toda a noite passada. E lá vão eles fazer o que lhes aconselharam, imediatamente... E quando voltam a ouvir falar deles, ainda estão juntos. Reparem – avaliaram a situação sem contar com o

imponderável – que é a relação secreta que têm um com o outro – e que eles não poderiam revelar mesmo que quisessem. Isto pode dizer-se e nada mais do que isto. Ah, mas não me interpretem mal! Não tem necessariamente a ver com o facto de dormirem juntos... Mas isto leva-me a uma ideia que andei a congeminar. A ideia de que os seres humanos, assim como os conhecemos, não se escolhem uns aos outros. É o proprietário, o segundo eu que neles habita, que escolhe consoante os seus desígnios particulares e – isto pode parecer tremendamente rebuscado – é o segundo eu do outro que responde. Temos uma consciência muito, muito indefinida deste facto – ou pelo menos assim me tem parecido –, mas em todo o caso suficiente para nos apercebermos da futilidade de tentar escapar. De modo que tudo se resume a isto: se o meu eu transitório, e o da minha mulher, forem felizes, – *tant mieux pour nous* –, se forem infelizes, – *tant pis...* Mas não sei, não sei. Pode também tratar-se de algo inteiramente pessoal – esta minha sensação (sim, chega a ser uma sensação) de como somos extraordinariamente *à maneira das conchas* o que somos – pequenas criaturas emergindo da guarita ao lado do portão, espiando avidamente a entrada pela vigia, criaditos apagados, sem nunca saberem sequer dizer com certeza se o senhor está ou não em casa...

A porta abre-se... A minha mulher. Diz: “Vou-me deitar.”

E eu levanto os olhos vagamente, e vagamente digo: “Vais-te deitar.”

“Sim”. Uma pequena pausa. “Não te esqueças – está bem? – de desligar o gás da entrada.”

E mais uma vez repito: “O gás da entrada”.

Houve um tempo – dantes – em que este meu hábito – tornou-se verdadeiramente um hábito, agora – não o era na altura – era uma das nossas brincadeiras mais queridas. Começou, claro, quando, em várias ocasiões, estava realmente muito ocupado e não ouvia. Emergia apenas para a ver abanar a cabeça e rir para mim: “Não ouviste nada do que eu disse!”

“Não. O que é que disseste?”

Porque o acharia ela tão engraçado e encantador? Para ela era – aquilo deliciava-a. “Oh, querido, é mesmo teu! É tão... tão...” E eu sabia que ela me amava por isso. Sabia que ela realmente estivera ansiosa por entrar e distrair-me e portanto – como qualquer pessoa faria – eu exagerava. Estava, com toda a certeza, absolutamente concentrado todas as noites pelas dez e meia. E agora? Por um motivo qualquer sinto que seria mal-educado acabar com a minha representação. É mais simples continuar. Mas de que está ela à espera esta noite? Porque não se vai embora? Porquê prolongar isto? Vai-se embora. Não, com a mão na maçaneta da porta, vira-se de novo, e diz numa voz estranhíssima, diminuta, sem alento: “Não tens frio?”

Oh, não vale ser-se assim tão patético! Foi simplesmente condenável. Estremeci todo antes de conseguir produzir um lento “Não-ão!”, com a mão esquerda a folhear as páginas do livro de consulta.

Foi-se embora. Não voltará esta noite. Não sou só eu a reconhecê-lo – a sala também muda. Descontraí, como um velho actor. Lentamente, a máscara desfaz-se; a atenção tensa converte-se num ar de meditação grave e desolada. Cada linha, cada prega respira cansaço.

O espelho extinguiu-se; a cinza torna-se branca; só o meu candeeiro manhoso continua aceso... Mas que indiferença cínica tudo isto mostra em relação a mim! Ou devia sentir-me lisonjeado? Não, nós compreendemo-nos. Conhecem aquelas histórias de crianças que são amamentadas por lobos e aceites pela tribo, e como se movem livremente para sempre no meio dos seus irmãos velozes e cinzentos? Aconteceu-me algo do género. Mas esperem! Esta história dos lobos não serve. Curioso! Antes de o escrever, enquanto a história ainda estava na minha cabeça, deliciava-me. Parecia exprimir, mais, sugerir, precisamente aquilo que queria dizer. Mas, uma vez escrito, sinto-lhe imediatamente o cheiro da falsidade e a... origem desse cheiro está na palavra velozes. Não acham? Irmãos velozes e cinzentos! “Velozes”. Uma palavra que nunca uso. Quando escrevi “lobos”, passou-me pelo espírito como uma sombra e não lhe consegui resistir. Digam-me! Digam-me! Porque será tão difícil escrever de forma simples – e não apenas simples mas *sotto voce*, estão a ver o que quero dizer? É assim que anseio escrever. Sem floreios – nem exibicionismo. Nada mais que a simples verdade, como só um mentiroso sabe dizê-la.

### III

Acendo um cigarro, recosto-me na cadeira, inspiro profundamente o fumo – e dou por mim a perguntar-me se a minha mulher estará a dormir. Ou estará deitada na sua cama fria, a olhar para a escuridão, com aqueles olhos crédulos, desnorteados? Os olhos dela são como os olhos de uma vaca que é obrigada a caminhar por uma estrada. “Porque me obrigam? Que mal fiz eu?”

Mas eu não sou, na verdade, responsável por esse olhar; é a sua expressão natural. Um dia, ao esvaziar um armário, encontrou uma velha fotografia sua, tirada quando andava na escola. Com o vestido do crisma, explicou. E lá estavam os olhos, já nessa altura. Lembrou-me de lhe dizer: “Sempre tiveste esse ar assim tão triste?” Debruçando-se sobre o meu ombro, teve um riso leve: “Pareço triste? Acho que sou só... eu.” E esperou que eu dissesse alguma coisa sobre isso. Mas eu admirava-me era da coragem que ela tinha tido ao mostrar-ma. Era uma fotografia medonha! E perguntei-me, uma vez mais, se ela percebia como era feia e se consolava com a ideia de que as pessoas que se amam não se criticam e aceitam tudo, ou se afinal até gostava do seu aspecto e esperava que eu fizesse algum tipo de elogio.

Oh, que golpe baixo o meu! Como poderia esquecer as vezes sem fim em que reparei que ela se virava para evitar a luz, ou afundava a cara nos meus ombros. E, acima de tudo, como poderia esquecer a tarde do nosso casamento, quando nos sentámos no banco verde do jardim botânico a ouvir tocar a banda; em que ela, num intervalo entre duas peças, se virou de repente para mim e disse, no tom com que se diz: “Achas que a relva está molhada?” ou “Achas que é a hora do chá?”... “Diz-me, achas que a beleza física é assim tão importante?” Não gosto de pensar quantas vezes terá ensaiado a pergunta. E sabem o que respondi? Naquele momento, como por ordem minha, jorrou um som intenso e alegre da banda, e consegui gritar alegremente, mais alto: “Não ouvi o que disseste”. Diabólico! Não foi? Talvez não totalmente. Ela parecia o pobre doente que ouve o cirurgião dizer: “Vamos certamente ter de operar – mas não já!”

IV

Mas tudo isto dá a impressão de que eu e a minha mulher nunca fomos verdadeiramente felizes juntos. Não é verdade! Não é verdade! Fomos maravilhosamente, riosamente felizes. Éramos um casal exemplar. Se nos tivessem visto juntos, em qualquer altura, em qualquer lugar, se nos tivessem seguido, perseguido, espiado, se nos tivessem apanhado desprevenidos, ainda assim teriam sido obrigados a confessar: “Nunca vi duas pessoas tão feitas uma para a outra”. Até ao Outono passado.

Mas para explicar verdadeiramente o que aconteceu nessa altura, teria de recuar mais e mais – teria que decrescer até as minhas mãos agarrarem os balaústres, o corrimão ser mais alto que a minha cabeça e eu espreitar para ver o meu pai a subir e a descer sem fazer barulho. Havia janelas de vidros coloridos nos patamares. À medida que ele subia, primeiro a careca ficava escarlate, depois amarela. Que medo eu tinha! E quando me punham na cama, era para sonhar que vivíamos dentro de uma das grandes garrafas coloridas do meu pai. Porque ele era farmacêutico. Eu nasci nove anos depois de os meus pais terem casado. Era filho único, e o facto de ter gerado até alguém como eu – devia ser um rebentozinho ressequido – minou todas as forças da minha mãe. Nunca mais voltou a sair do quarto. Cama, sofá, janela, andava de um para outro. Bem a vejo, nos dias de janela, sentada, com o queixo apoiado na mão, a olhar lá para fora. O quarto dela dava para a rua. Em frente, havia um muro coberto de anúncios a espectáculos ambulantes, circos e assim. Estou de pé ao lado dela, e olhamos para a senhora magra de vestido ver-

melho a bater com a sombrinha na cabeça de um senhor escuro, ou para o tigre a espreitar da selva enquanto o palhaço, perto dele, equilibra uma garrafa na ponta do nariz, ou para uma menina loura sentada ao colo de um velho negro com um chapelão de pano... Ela não diz nada. Nos dias de sofá há um robe de flanela que eu detesto e uma almofada que está sempre a cair do sofá duro. Apanho-a. Tem flores e palavras bordadas. Pergunto-lhe o que dizem as palavras e ela murmura: “Doce repouso!” Na cama, os dedos dela entrançam, em trancinhas apertadas, a franja da colcha e os seus lábios são finos. E é tudo o que há da minha mãe, excepto o último e estranho “episódio” que vem mais tarde.

O meu pai... Encolhido num canto, em cima da tampa de uma grande caixa com esponjas, eu olhava para o meu pai durante tanto tempo, é como se a sua imagem, cortada à altura da cintura pelo balcão, tivesse ficado sólida na minha memória. A cabeça, perfeitamente careca e polida, tinha a forma de um ovo afilado, as faces pregueadas e sedosas, uns pequenos papos debaixo dos olhos, orelhas grandes e translúcidas como pegas. Tinha uma atitude dissimulada, solerte, levemente trocista e com um toque de atrevimento. Muito antes de poder apreciá-la, já eu conhecia a mistura... Costumava até imitá-lo no meu canto, inclinando-me para a frente, numa reprodução em pequeno do seu ligeiro esgar de troça. Ao final da tarde os seus clientes eram, principalmente, raparigas; muitas delas vinham todos os dias pelo seu famoso “tónico” de cinco *penny*. O aspecto vistoso, as vozes delas, os modos livres fascinavam-me. Eu queria tanto ser o meu pai,

quando lhes dava por cima do balcão o copinho com um líquido azulado que elas bebiam, de uma vez, com tanta sofreguidão. Só Deus sabe de que era feito. Anos mais tarde provei um, só para ver a que sabia, e senti-me como se me tivessem dado uma pancada tremenda na cabeça; fiquei atordoado.

Recordo nitidamente uma dessas tardes. Estava frio; devia ser Outono, porque o gás vacilante estava aceso depois do chá. Estava sentado no meu canto e o meu pai fazia uma mistura qualquer; ninguém na loja. De repente, a campainha retiniu e uma rapariga entrou a correr, chorando tão alto, soluçando tanto, que nem parecia ser de verdade. Tinha uma capa verde debruada a pele e um chapéu com umas cerejas penduradas. O meu pai apareceu por trás do biombo. Mas ela a princípio não conseguia parar. Ali ficou, de pé, no meio da loja, a retorcer as mãos e a gemer; nunca mais ouvi ninguém chorar assim. De repente conseguiu dizer, ofegante: “Dê-me um tónico!” Respirou fundo, afastou-se dele a tremer e disse numa voz que falhava “Tive *más notícias!*”. E à luz vacilante do gás vi que tinha todo um lado da cara inchado e roxo; o lábio estava cortado e a pálpebra parecia firmemente colada sobre o olho molhado. O meu pai empurrou o copo pelo balcão, ela retirou a carteira da meia e pagou-lhe. Mas não conseguia beber; agarrada ao copo, olhava em frente como se não pudesse acreditar no que via. De cada vez que inclinava a cabeça para trás, as lágrimas voltavam a saltar. Finalmente pousou o copo. Não valia a pena. Segurando na capa com uma mão, saiu da loja a correr como tinha entrado. O meu pai não deu sinal. Mas muito depois de ela se ter ido embora eu continuava

agachado no meu canto, e quando me recordo é como se sentisse o corpo todo a vibrar – “Então fora daqui é assim”, pensei. “É assim que é lá fora”.

V

Lembram-se da vossa infância? Estou sempre a topar com aqueles relatos maravilhosos de escritores que declaram que se lembram “de tudo”. Eu cá de certeza que não. Os troços obscuros, as lacunas, são muito maiores do que os vislumbres luminosos. Parece que passei grande parte da minha vida como uma planta num armário. Uma vez por outra, quando o sol brilhava, uma mão indiferente empurrava-me para o parapeito da janela e uma mão indiferente atirava-me lá para dentro outra vez – e era tudo. Mas que aconteceu na escuridão – pergunto-me. Crescia? Caule pálido... folhas tímidas... rebento branco e relutante. Não admira que me odiassem na escola. Até os professores me evitavam. De certo modo, eu sabia que a minha voz baixa e hesitante lhes causava aversão. Sabia também que se desviavam do meu olhar chocado, fixo. Eu era pequeno e magro e cheirava à farmácia; a minha alcunha era Gregory Pó. A escola era dentro de um edifício de lata, espetado na vertente despida da colina. Havia riscos vermelhos escuros como sangue, nos montes que ressumavam argila, no pátio do recreio. Escondo-me no corredor escuro onde se penduram os casacos e sou descoberto por um dos professores. “Que estás a fazer aí no escuro?” A sua voz terrível mata-me; morro à frente dos seus olhos. Estou de pé num círculo de cabeças esticadas: umas riem, outras estão ávidas, outras cospem. E está sempre frio. Passam devagar grandes nuvens

esmagadas contra o fundo do céu; a água ferruginosa no reservatório da escola está congelada; o toque da campainha parece amortecido; um dia puseram-me um pássaro morto no bolso do casaco. Encontrei-o quando estava mesmo a chegar a casa. Que estranha palpitação se apoderou do meu coração quando tirei o pequeno corpo frio, terrivelmente macio, as patas finas como alfinetes e as unhas retorcidas. Sentei-me no degrau da porta das traseiras, no quintal, e pus o pássaro no boné. As penas à volta do pescoço pareciam húmidas e uma pequena poupa, mesmo acima dos olhos fechados, também se mantinha de pé. O bico estava fechado com tanta força! Não se conseguia ver a marca que o dividia. Estiquei-lhe uma asa e toquei no que por baixo havia de macio e secreto; tentei fechar-lhe as unhas à volta do dedo mindinho. Mas não tive pena dele – não! Estava curioso. O fumo da chaminé da cozinha descia, e a fuligem voava – suave, leve pelo ar. Uma planta com ar débil e com umas flores tristonhas e avermelhadas abrija caminho por uma grande fenda no chão de cimento do pátio. Olhei outra vez para o pássaro morto... E foi a primeira vez que me lembro de cantar – ou melhor... de ouvir uma voz silenciosa dentro de uma pequena gaiola que era eu.

## VI

Mas o que tem tudo isto a ver com a minha felicidade conjugal? Como pode tudo isto afectar-me a mim e à minha mulher? Por que razão – para contar o que aconteceu no Outono passado – vou tão longe no Passado? O Passado – o que é o Passado? Poderia dizer que a fuligem em forma de estrela numa folha da planta débil, o pássaro deitado no forro almofadado do meu

boné, a mão de almofariz do meu pai e a almofada da minha mãe lhe pertencem. Mas isso não é dizer que eles são menos meus do que eram quando os olhei com os meus próprios olhos e lhes toquei com estes dedos. Não, eles são mais – são uma parte viva de mim. Quem sou eu, efectivamente, sentado a esta mesa, senão o meu passado? Se o negar, não sou nada. E se tentasse dividir a minha vida em infância, juventude, princípio da idade adulta e por aí adiante, seria uma espécie de pedantismo; deveria saber que o fazia apenas pela agradável sensação de importância que dá traçar linhas e usar tinta verde para a infância, vermelha para a fase seguinte e roxa para o período da adolescência. Porque uma coisa aprendi, numa coisa acredito, ou seja: Nada Acontece de Repente. Sim, imagino que seja essa a minha religião.

A morte da minha mãe, por exemplo. Está mais distante de mim hoje do que estava na altura? Está igualmente perto, é igualmente estranha, confusa e, apesar das vezes sem conta em que recordei as circunstâncias, não sei mais hoje do que sabia então, nem se as sonhei ou aconteceram realmente. Foi quando tinha treze anos e dormia num quarto pequeno, estreito e alongado, naquela parte das escadas a que se chamava o tabuleiro. Uma noite acordei num sobressalto ao ver a minha mãe, em camisa de dormir, sem trazer sequer o odiado robe de flanela, sentada na minha cama. O facto estranho que me assustou foi, porém, que ela não estava a olhar para mim. Tinha a cabeça curvada; o cabelo caía num rasto fino entre as espáduas; tinha as mãos apertadas entre os joelhos e a cama vibrava; ela estava a tremer. Era a primeira vez que a via fora do quarto. Eu disse, ou acho que disse: “És tu, Mãe?” E quando se

virou, vi à luz da lua como ela estava estranha. A cara parecia pequena – muito diferente. Parecia um dos rapazes no banho da escola, sentado num degrau, a tremer assim, que quer entrar mas tem medo.

“Estás acordado?” disse. Os olhos dela abriram-se; acho que sorriu. Inclinou-se para mim. “Fui envenenada”, murmurou. “O teu pai envenenou-me”. E assentiu. E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela já se fora; pareceu-me ouvir a porta a fechar. Fiquei parado, não me conseguia mexer, acho que esperava que algo mais acontecesse. Durante muito tempo tentei ouvir alguma coisa; não se ouvia nada. A vela ficava ao lado da minha cama, mas eu estava demasiado assustado para estender a mão e procurar os fósforos. Mas enquanto me perguntava o que devia fazer, enquanto o meu coração batia com violência – tudo se tornou confuso. Deitei-me e puxei os cobertores para mim. Adormeci, e na manhã seguinte encontraram a minha mãe morta de ataque cardíaco.

A visita aconteceu? Foi um sonho? Porque mo veio ela dizer? Ou por que razão, se realmente veio, se foi embora tão depressa? E a sua expressão – tão alegre por trás do ar assustado – era real? Passei a acreditar, totalmente, na tarde do funeral, quando vi o meu pai vestido a rigor para o papel, com chapéu e tudo. Aquele chapéu alto e redondo, de um negro tão reluzente, era como uma rolha coberta de lacre preto, e o resto do meu pai parecia-se terrivelmente com uma garrafa em que a cara fosse a etiqueta – *Veneno Mortal*. Esta ideia fulgurou-me na entrada, quando estava de frente para ele. E Veneno Mortal, ou velho V. M., foi a alcunha secreta que lhe dei desde esse dia.

VII

Tarde, faz-se tarde. Adoro a noite. Adoro sentir a maré da escuridão a subir devagar e devagar marulhando, virando e revirando, levantando e fazendo flutuar tudo o que fica espalhado na praia escura, tudo o que fica escondido no côncavo das rochas. Adoro, adoro esta estranha sensação de deriva – para onde? Depois da morte da minha mãe eu detestava ir para a cama. Sentava-me no parapeito da janela, encolhido, a olhar para o céu. Parecia-me que a lua andava muito mais depressa do que o sol. E elegi como minha uma grande estrela verde e brilhante. A minha estrela! Mas nunca pensei que fosse para mim que acenava ou brilhasse por mim alegremente. Cruel, indiferente, esplêndida – ardia na noite etérea. Não interessa – era minha! Mas, aproximando-se da janela, uma trepadeira crescia com pequenas flores enroladas, cor-de-rosa e roxas. Essas, sim, conheciam-me. Essas, quando eu, de noite, lhes tocava, acolhiam os meus dedos; as pequenas gavinhas, tão frágeis, tão delicadas, sabiam que eu não lhes faria mal. Quando o vento agitava as folhas, eu sentia que compreendia o seu tremor. Quando chegava à janela, parecia-me que as flores diziam entre si: “O rapaz chegou”.

Os meses iam passando e havia muitas vezes luz no quarto do meu pai, no andar de baixo. E eu ouvia vozes e risos. “Tem uma mulher com ele”, pensava. Mas para mim não significava nada. A voz alegre e o som dos risos, mais tarde, deram-me a ideia de que se tratava de uma das raparigas que vinham à loja ao final da tarde – e comecei pouco a pouco a imaginar qual delas seria. Era a morena com o casaco e a saia vermelhos que uma

vez me tinha dado um *penny*. Debruçou-se para mim uma cara alegre – um hálito quente fez-me cócegas no pescoço – havia umas bolinhas pretas nas suas longas pestanas, e quando ela abriu os braços para me beijar veio uma maravilhosa nuvem de perfume! Sim, era aquela.

O tempo passou e eu esqueci-me da lua, da minha estrela verde e da minha tímida trepadeira – ia à janela para esperar pela luz na janela do meu pai, para ouvir a voz a rir, até que uma noite adormeci e sonhei que ela vinha outra vez – mais uma vez me puxava para ela, e algo suave, perfumado, quente e alegre pairava sobre mim como uma nuvem. Mas quando tentei ver, os olhos dela só troçavam, os lábios vermelhos abriam-se e ela sibilava: “Sonsinho, sonsinho!” Mas não como se estivesse zangada – como se compreendesse, e o seu sorriso, de certa forma, era como uma ratazana – odioso!

Na noite seguinte, acendi a vela e desta vez sentei-me à mesa. Lentamente, à medida que a chama se firmava, fazia-se um pequeno lago de cera, rodeado por um muro branco e macio. Peguei num alfinete e fiz buraquinhos nesse muro, selando-os depressa, antes que a cera fugisse. Passado um bocado, imaginei que a chama da vela entrara no jogo; saltava, estremecia, agitava-se, parecia até rir. Mas enquanto brincava com a vela e ria e partia os minúsculos picos brancos de cera que se erguiam acima do muro e os punha a flutuar no meu lago, uma sensação de horrível tristeza agarrou-se a mim – sim, é esse o termo. Subiu-me dos joelhos às coxas, até aos braços; doía-me o corpo todo de infelicidade. E sentia-me tão estranho que não me conseguia mexer. Algo me prendia ali à mesa – não

podia sequer deixar cair o alfinete que segurava entre o dedo e o polegar. Por um momento foi como se tivesse parado.

Foi então que a casca ressequida do rebento se fendeu e caiu, a planta no armário desabrochou. “Quem sou?” pensei. “O que é tudo isto?” E olhei para o meu quarto, para o busto partido do homem chamado Hahnemann em cima do armário, para a minha cama pequena com a almofada que parecia um envelope. Vi tudo, mas não como o vira até então... Tudo estava vivo, tudo. Mas havia mais. Eu também estava vivo e – é a única forma que tenho de o exprimir – as barreiras tinham desaparecido entre nós – eu entrara no meu próprio mundo!

### VIII

As barreiras tinham desaparecido. Toda a minha vida fora um pária; mas até àquele momento ninguém me tinha “aceitado”; tinha ficado no armário – ou na caverna abandonada. Agora era recebido, era aceite, era reclamado. Não me afastei conscientemente do mundo dos seres humanos; nunca o conhecera; mas a partir dessa noite, para lá das palavras, voltei-me conscientemente para os meus irmãos silenciosos...

Robert Musil

*A portuguesa*

Tradução de Maria Antónia Amarante

**Robert Musil** (1880-1942) nasce na cidade austríaca de Klagenfurt (Caríntia), no seio de uma família de engenheiros relativamente abastada. Na infância e adolescência frequenta em regime de internato, as escolas militares de Eisenstadt e Mährisch-Weiskirchen. Segue-se uma formação na área da engenharia mecânica na escola politécnica de Brno (Moldávia). Um temperamento irrequieto e uma sensibilidade exacerbada aos problemas que marcam o início do século levam-no até Berlim, onde se dedica ao estudo da psicologia experimental e da filosofia. Mobilizado para a guerra de 1914-18, combate a Itália na frente do Tirol meridional, ao serviço da monarquia austríaca. A experiência de uma Natureza esmagadora e da sua própria hospitalização como ferido de guerra serviriam de inspiração às três novelas que constituem *Drei Frauen* (*Três Mulheres*), obra vinda a lume em 1924. Mas é só em 1931 que Musil, de novo em Berlim, e agora em dedicação exclusiva à escrita literária, publica o primeiro volume do seu *opus magnum*, *Der Mann ohne Eigenschaften* (*O Homem sem Qualidades*). Ainda dá à estampa um segundo volume em 1933, mas a inclusão de Musil, pelos nazis, no grupo dos “escritores degenerados” obriga-o a emigrar para a Suíça, onde morre em 1942, deixando inacabado um dos grandes romances do século XX.

Nesta novela – *A Portuguesa* – encontramos temas que se mantiveram constantes ao longo da obra de Musil, nomeadamente a ideia de crise como experiência do Outro, inclusive em nós mesmos. Em tradução portuguesa encontram-se disponíveis os seguintes títulos: *O Jovem Törless*, *Três Mulheres* (*Grigia, A Portuguesa e Tonka*) e *O Homem sem Qualidades* (Livros do Brasil), *Os Visionários* (Minerva), o ensaio *Da Estupidez* (Relógio d’Água), as narrativas *O Melro*, *O Rato* e *A Consumação do Amor* em *Histórias com tempo e lugar* (Europa-América).

Denominavam-se, em muitos documentos, delle Catene e noutros, Herren von Ketten; tinham vindo do Norte e sustido o passo às portas do Sul; serviam-se da sua origem teutónica ou românica consoante a vantagem do momento, não se sentindo ligados a parte alguma, a não ser a si próprios.

Um tanto desviado da rota principal que conduz a Itália através do Brenner, entre Brixen e Trento, erguia-se o seu castelo, numa escarpa quase destacada que caía a prumo; quinhentos pés mais abaixo, tão turbulento e agreste esbravejava um regato que logo aí se deixaria de ouvir um sino, mal se debruçasse a cabeça fora da janela. Ruído algum do mundo exterior penetrava no castelo dos Catene, atravessando esta anteparada de rumor bravio; mas, num afinco contra o estrondear, os olhos perpassavam, sem entraves, esta resistência, vacilando de espanto na funda redondez da perspectiva.

Por argutos e atentos eram tidos todos os senhores

von Ketten: em vastas cercanias não havia ensejo favorável que lhes escapasse. E eram cruéis como facas que cortam fundo à primeira. Nunca ficavam vermelhos de cólera, nem rosados de alegria; antes se ensombrevam na cólera e irradiavam, na alegria, o resplendor do ouro, belos e raros como ele. E fossem quem fossem no correr dos anos e dos séculos, também todos se assemelhariam nas cãs precoces, no cabelo e barba acastanhados e na morte antes dos sessenta anos; e no facto de a força descomunal que por vezes demonstravam não residir nem nascer no corpo mediano e delgado, mas parecer dimanar dos seus olhos e da fronte – porém, isto era falatório de vizinhos e criados intimidados. Assenhoreavam-se de tudo a que conseguiam deitar mão, procedendo de forma leal, violenta ou astuciosa, conforme o acaso, mas sempre serenos e implacáveis; a sua vida breve escoava-se sem precipitações e terminava abrupta, imperturbada, quando haviam cumprido a sua parte.

Na linhagem dos Ketten era tradição não unir o seu sangue ao das filhas da nobreza vizinha; iam buscar longe as suas mulheres, e ricas as buscavam, para que nada lhes pusesse embaraço na escolha de alianças e desavenças. O senhor von Ketten que, havia doze anos, desposara a bela portuguesa, encontrava-se então no seu trigésimo ano de vida. A boda fora celebrada em terra estrangeira, e a mulher, muito jovem, aguardava o parto iminente, quando, tinindo de guizos, o cortejo de vassallos e criados, cavalos e camareiras, azêmolas e cãs, entrou nos domínios dos Catene; o tempo passara como um voo nupcial de um ano inteiro. Pois todos os Ketten eram refinados cortesãos, embora só o revelas-

sem nesse ano único em que cortejavam; as suas mulheres eram belas, porque eles pretendiam belos filhos e, não fora assim em país estrangeiro, onde não valiam tanto como na sua terra, ser-lhes-ia impossível conquistar tais mulheres; contudo, nem eles próprios sabiam se, na realidade, eram como se mostravam nesse ano ou em todos os outros. Um mensageiro, portador de importante nova, veio ao encontro do cortejo que se aproximava: os trajes e os pendões mantinham a aparência de uma grande borboleta, mas já o senhor von Ketten era outro. Continuou, depois de ter voltado ao grupo, a trotar lentamente ao lado da mulher, como se não quisesse dar largas à urgência, mas o rosto turvara-se-lhe qual cortina de nuvens. Quando, ao virar de uma curva, o castelo lhes surgiu repentinamente diante dos olhos, ainda a um quarto de hora de distância, ele rompeu, a custo, o silêncio.

Queria que a mulher desse meia-volta e retrocedesse. O cortejo estacou. A portuguesa pediu e insistiu na continuação da jornada; haveria sempre tempo de inverter a marcha uma vez ouvidos os motivos.

Os bispos de Trento eram senhores poderosos e o supremo tribunal do império decidia a seu favor: desde o tempo dos bisavós que os Ketten lhes disputavam parcelas de território e, ora as partes se envolviam em demandas judiciais, ora o jogo das pretensões e resistências degenerava em sangrentas escaramuças; de toda a maneira, sempre haviam sido os von Ketten a vergar-se perante a superioridade do adversário. O olhar a que, noutras circunstâncias, não escaparia qualquer oportunidade vantajosa, aguardava aqui em vão descobri-la; mas a missão era transmitida de pai para filho e o orgu-

lho, inquebrantado, continuava à espera através das gerações.

Foi a este senhor von Ketten que se deparou tal oportunidade. Tremeu do susto de quase a ter deixado fugir Uma poderosa facção da nobreza sublevara-se contra o bispo, havendo deliberado atacá-lo de surpresa e fazê-lo prisioneiro; von Ketten, de cujo regresso houvera notícia, poderia ser um trunfo na jogada. Ausente durante largo tempo, este desconhecia o estado das forças episcopais; mas não ignorava que, anos a fio, os esperaria uma árdua provação de desfecho incerto e que, não conseguindo tomar Trento logo de início, nem todos se manteriam leais até ao doloroso termo. Alberçou algum ressentimento contra a sua bela esposa pois que, por sua causa, quase deitara a perder a ocasião. Ela agradava-lhe, como sempre: tanto, que a seguia à distância de um pescoço de cavalo e, no entanto, era-lhe tão misteriosa como as múltiplas fieiras de pérolas que possuía. Pérolas que se poderiam esmagar como ervilhas quando sopesadas no côncavo da mão tecida de tendões, pensava ele cavalgando a seu lado, e contudo aí estavam, tão incompreensivelmente seguras de si próprias. Mas este sortilégio fora dissipado pela recente nova, como se dissipam do Inverno esses sonhos de velhas, quando regressam, qual meninos nus, os primeiros dias de sol rijo. Esperavam-no anos sobre a sela, em que mulher e filhos se desvaneciam como estranhos.

Os cavalos tinham entretanto alcançado o sopé do alcantil onde se elevava o castelo, e a portuguesa, esmiuçadas todas as razões, mais uma vez declarou que queria ficar. Inóspito se erguia o castelo nas alturas. Aqui e ali, brotando do parapeito rochoso, minúsculas

árvores enfezadas como cabelos esparsos. Os cerros florestados despenhavam-se e empinavam-se de tal jeito que seria inconcebível descrever tal fealdade a quem só conhecia as ondas do mar. O ar resumava uma pungência gélida e todos pareciam cavalgar para dentro de um enorme caldeirão desconjuntado que continha uma insólita cor verde. Nas matas, porém, vivia o veado, o urso e o javali, o lobo e, quem sabe, o unicórnio. Mais ao fundo, era o território da cabra-montês e da águia. Abismos insondados acolhiam os dragões. A floresta tinha semanas de extensão e profundidade, apenas cruzada pelos trilhos das feras; lá no alto, onde a montanha a coroava, começava o reino dos espíritos. Aí habitavam os demónios, no meio das nuvens e da borrasca, e nunca a essas alturas ia dar o caminho de um cristão; se alguém a tal se afoitava, as consequências não se faziam esperar, desfiadas nas casas de lume, a meia-voz, pelas moças de serviço, ao passo que os criados guardavam um silêncio envaidecido e encolhiam os ombros, que a vida dos homens está cheia de perigos e a qualquer um se podem deparar tais aventuras. De tudo o que a portuguesa ouvira contar, uma coisa, porém, lhe pareceu a mais estranha: tal como ninguém chegara alguma vez ao começo do arco-íris, nunca ninguém – dizia-se – conseguira alguma vez enxergar para além das imponentes muralhas de pedra. Por detrás, surgiam sempre mais muralhas e entre elas, esticados como panos, barrancos cheios de pedras, pedras tão grandes como casas; e nem o mais fino cascalho sob os pés tinha dimensões inferiores a uma cabeça – era um mundo que, na realidade, não era mundo algum. Amiúde imaginara em sonhos esta terra de onde viera o homem que

ela amava segundo a maneira de ser dele; e o modo de ser dele segundo o que lhe ouvira contar da sua pátria. Cansada do mar azul-pavão, esperava um país tão inesperado como a corda tensa de um arco; mas quando vislumbrou o mistério, a sua fealdade superava todas as expectativas e sentiu vontade de fugir. Como capoeiras pregadas umas às outras, assim era o castelo. Pedra amontoada sobre a rocha. Fragas vertiginosas onde grassava o bolor. Madeira apodrecida ou troncos em bruto invadidos pela humidade. Alfaias agrícolas e aparelhos de guerra, correntes de cavalaria e varais de carros. Mas agora que aqui estava, pertencia a este universo, e o que tinha diante dos olhos não seria porventura fealdade, antes uma beleza idêntica aos modos masculinos, que requeriam prévia habituação.

Quando o senhor von Ketten viu que a mulher subia o cerro, foi-lhe impossível detê-la. Não que o facto lhe agradasse, mas havia aí qualquer coisa que, sem subjugar a sua vontade nem lhe ceder, se esquivava e o atraía para outras paragens, forçando-o, em silêncio e desamparo, a cavalgar atrás dela como uma pobre alma perdida.

Passados dois dias já estava de novo sobre a sela.

E passados onze anos ainda lá continuava. A incursão súbita contra Trento, preparada de forma irreflectida, saldara-se por um fracasso, custando, logo de início, ao partido dos cavaleiros, um terço das suas forças e mais de metade da sua audácia. O senhor von Ketten, ferido na retirada, não regressou de imediato a casa; manteve-se escondido durante dois dias num casebre de camponeses, partindo depois, rumo aos vários paços, onde incitou à resistência. Perdidas, devido ao seu

atraso, as deliberações preliminares e os preparos da empresa, von Ketten ferrava-se nela, após o malogrado golpe, como cão à orelha do touro. Expôs aos cavaleiros o que os esperava se as forças episcopais retaliassem, antes de as suas hostes terem voltado a cerrar fileiras; persuadiu retardatários e somíticos, extorquiou-lhes dinheiro, angariou reforços, armou efectivos e foi eleito comandante supremo da nobreza. A princípio, as suas feridas sangravam de tal modo que tinha de mudar as ligaduras duas vezes ao dia e não sabia, enquanto cavalgava, persuadia e compensava cada semana de atraso no seu posto com um dia de ausência, se pensava ou não na portuguesa que o enfeitiçara e devia estar em sobressalto.

Só passados cinco dias após o anúncio do seu ferimento é que foi ter com ela e ficou um só dia. Ela olhou-o atentamente e sem fazer perguntas, como se segue o voo de uma seta a ver se acerta no alvo.

Convocou os seus homens até ao último mancebo disponível, mandou colocar o castelo em estado de defesa, organizou, deu voz de comando. Alarido de criados, relinchos de cavalos, transporte de vigas, ruídos de ferros e de pedras, assim decorreu o dia. Pela noite dentro, prosseguiu viagem. Foi amável e terno como se é com uma criatura nobre que se admira, mas o seu olhar seguia em linha recta como saído de um elmo, mesmo se o não trazia posto. Quando chegou a despedida, num brusco acesso de feminilidade, a portuguesa pediu que, pelo menos, lhe fosse concedido lavar o lanho e colocar uma nova ligadura, mas ele não o consentiu; mais apressado do que seria necessário, apartou-se dela, rindo-se ao dizer-lhe adeus e ela devolveu-lhe os risos.

Se violento era o cariz que sempre que possível o adversário imprimia à luta, em consonância com a dureza e nobreza do homem que envergava as vestes episcopais, nele havia também, como essas roupagens femininas lhe haviam decerto ensinado, ductilidade, manha e persistência. A riqueza e o vasto patrimônio iam, pouco a pouco, revelando a sua eficácia no graduar das cedências, postergadas até ao derradeiro momento, sempre que a posição e a influência deixavam de bastar para arregimentar apoios. Este estilo de conflito contornava as decisões. Refluía, logo que a resistência se agudizava; ripostava, quando adivinhava um quebranto. E assim acontecia que, de quando em quando, se sitiava um castelo e não pudesse este ser libertado a tempo, acabava por cair em sangrenta carnificina; mas também se dava o caso de as tropas acamparem nos povoados durante semanas, sem se registarem quaisquer ocorrências, fora uma vaca transviada aos campos ou o abate de duas ou três galinhas. As semanas deram lugar ao Verão e ao Inverno, e as estações, aos anos. Duas forças pelejavam entre si: uma, feroz e agressiva, porém demasiado fraca e a outra, como um corpo entorpecido e mole, mas de um peso atroz, reforçada pelo correr do tempo.

O senhor von Ketten sabia-o bem. Era-lhe difícil impedir que a cavalaria enfastiada e enfraquecida desbaratasse as suas derradeiras forças num assalto intempestivo. Mantinha-se à espreita do ponto fraco, da viragem, da ocorrência improvável que só o acaso poderia trazer. O seu pai aguardara e aguardara o seu avô. E quando se aguarda durante muito, muito tempo, também pode acontecer aquilo que só raramente

acontece. Aguardou onze anos. Ao longo de onze anos cavalgou dos paços da nobreza aos aquartelamentos e destes para aqueles a fim de manter acesa a resistência; refez, em centenas de escaramuças, uma reputação de ousadia temerária, para escapar à recriminação de cobardia na condução da guerra, ainda provocando ocasionais recontros sangrentos para atizar a sanha dos companheiros; contudo, tal como o bispo, furtava-se a uma decisão. Sofria, com frequência, ligeiros ferimentos, mas nunca se acolheu a casa por mais de doze horas, e isto por duas vezes. As escoriações e a vida errante cobriam-no com a sua crosta. Era bem verdade que temia deter-se em casa por mais tempo, tal como ao homem fatigado não lhe convém tomar assento. Inquietos ginetes enfreados, risadas varonis, luz de archotes, a coluna de um fogo de acampamento tal tronco de ouro em poalha entre a verde cintilação da floresta, cheiro a chuva, imprecações, bravatas de cavaleiros, cães farejando os feridos, saias levantadas às mulheres e camponeses aterrados, foram essas as suas distrações ao longo desses anos. E neles se manteve esbelto e refinado. No cabelo começavam a insinuar-se as primeiras cãs, o seu rosto desconhecia o passar do tempo. Havia que dar réplica à rudeza dos dichotes e fazia-o como um homem, mas os seus olhos mal pestanejavam. Sabia acudir como um boieiro, que descursa a disciplina própria do varão, mas não se exaltava; as suas palavras eram breves e ditas em voz baixa; os soldados temiam-no e ele jamais parecia vítima da ira; era ela que dele irradiava, toldando-lhe o semblante. No ardor do combate, esquecia-se de si, e todo ele era violência de gestos que infligiam feridas, ébrio de dança, ébrio de sangue e, não sabendo o que

fazia, fazia sempre o que se impunha. Os soldados idolatravam-no por isso e começou a gerar-se a lenda de que, por ódio ao bispo, vendera a alma ao diabo a quem secretamente visitava; e de que este se detinha no castelo sob a forma de uma bela estrangeira.

Ao ouvir isto pela primeira vez, o senhor von Ketten não se irritou nem tão pouco riu, mas ficou da cor do ouro escuro, tal foi a sua alegria. Muitas vezes, sentado à fogueira do acampamento ou à lareira de um campônês, quando o dia percorrido se fundia ao calor, como volta a amolecer o couro retesado pela chuva, von Ketten punha-se a pensar. Pensava, então, no bispo de Trento, deitado em fino linho, rodeado de clérigos eruditos, de pintores ao seu serviço, enquanto ele o rondava como um lobo. Também ele podia ter tais mordomias. Foi chamado ao castelo um capelão para prover sustento ao espírito, um recitador para fazer leituras em voz alta, uma camareira jovial; fez vir de longe um cozinheiro para banir da cozinha a nostalgia; acolheram-se doutores e estudantes viajados, a troco de uns dias de desenfado pelo comércio da sua conversação; chegaram tapetes e tecidos preciosos destinados ao revestimento das paredes; só ele se manteve distante. Durante um ano, em terra estranha e em viagem, pronunciara palavras insensatas, artifícios e adulações — pois tal como existe alma em tudo o que é bem feito, seja aço ou vinho capitoso, cavalo ou jorro de água, também ela existia nos Catene; porém, outrora a sua pátria ficava longe e podia-se cavalgar semanas rumo à sua essência genuína sem a conseguir alcançar. Mesmo agora lhe acontecia dizer palavras levianas, mas só enquanto os cavalos descansavam na estrebaria; chegava a meio da noite e

seguia viagem na manhã seguinte, ou então ficava desde o toque das matinas até às ave-marias. Ele inspirava a confiança de uma coisa que se traz há muito sobre o corpo. Quando te ris, também ela se ri para um lado e para o outro; quando caminhas, ela caminha contigo; quando a tua mão a toca, sentes a sua presença: mas se, por uma vez, a soergues e contempas, guarda silêncio e desvia o olhar. Se, por uma vez, ele se tivesse demorado mais tempo, ver-se-ia forçado a ser como, na verdade, era. Mas não se lembrava de alguma vez ter dito, eu sou isto ou quero ser aquilo, antes lhe falava de caça, aventuras e de coisas que realizava; e ela também nunca lhe perguntara, como, aliás, é costume dos jovens, o que achava ele disto e daquilo, nem lhe tinha confiado como queria ser em idade mais tardia, antes desabrochara em silêncio como uma rosa, mau grado a sua vivacidade de outros tempos, e já na escadaria da igreja se aprontara para a viagem, os degraus feitos esteios para se guindar sobre a montada, onde partiria rumo àquela vida. Mal conhecia os dois filhos que ela lhe havia dado, mas já ambos amavam com paixão o pai ausente, de cuja fama se enchiam os seus pequenos ouvidos, desde que começaram a ouvir. Estranha era a lembrança daquela noite à qual o mais novo devia a vida. Ali estava ela, quando ele chegou, um suave vestido cinza-claro às flores cinzento-escuro, a trança negra composta para a noite e o belo nariz recortando-se, nítido, no amarelo-liso do livro iluminado com desenhos misteriosos. Parecia um sortilégio. A figura sentada irradiava serenidade nas suas vestes sumptuosas, a saia escorrendo em incontáveis riachos de pregas; tal jorro de água, brotava apenas de si própria e a si pró-

pria refluía; e, a não ser por magia ou por milagre, poderá ser resgatado um jorro de água, poderá ele evadir-se inteiramente da sua existência vacilante e contida em si mesma? Abraçar esta mulher poderia significar o confronto repentino com uma resistência mágica; não foi isso que se deu, mas não é a ternura ainda mais inquietante? Ela contemplou-o, a ele que entrara de mansinho, como quem reconhece um manto que muito se usou e de que há muito se desconhece o paradeiro; que mantém certa estranheza e onde se procura abrigo.

Confiáveis, pelo contrário, se lhe afiguravam os ardis da guerra, a mentira política, a ira e o gesto de matar. Um acto é consequência de outro acto; o bispo conta com as suas moedas de ouro e o capitão, no campo de batalha, com a resiliência da nobreza; comandar é um gesto preciso; clara como o dia e fixa em si mesma é esta vida, e a estocada de uma lança sob o gargal de ferro que saiu do sítio é tão simples como apontar com o dedo dizendo, isto é isto. O outro lado, porém, é estranho como a lua. Secretamente, o senhor von Ketten amava esta outra realidade. A ordem, a casa e a crescente riqueza não eram, para ele, motivo de alegria. E se bem que tivesse lutado, anos a fio, para assentar mão no património alheio, não almejava a pacificação do ganho, antes lhe irrompia da alma uma nostalgia; era na frente que residia o poder dos Catene, mas da frente provinham apenas acções silenciosas. Sempre que, pela manhã, montava na sela, voltava a sentir o êxtase de não ceder, a alma da sua alma; mas, quando desmontava do cavalo, ao cair da noite, abatia-se, não raro, sobre ele, a lassidão acabrunhada de toda a desmesura que vivera, como se durante um dia tivesse investido

todas as suas forças em ser, não sem o mais firme dos empenhos, algo de belo que não conseguia nomear. O bispo, esse pisa-mansinho, podia orar a Deus quando Ketten o acoitava; mas a Ketten apenas era dado cavalgar sobre as searas que floriam, sentir sob o seu corpo a rebeldia em vagas do corcel, aliciar a afabilidade a férreas esporadas. Contudo, fazia-lhe bem que isso existisse. Que se possa viver e se faça morrer sem a outra realidade. Isso negava e escorraçava algo que se esgueirava até ao fogo, quando o olhar nele se fixava, desvanecendo-se no preciso instante em que, rígido de sonhos, o corpo se erguia e se voltava. O senhor von Ketten urdia, por vezes, emaranhados de longos fios quando cismava sobre o bispo a quem fazia sofrer tudo isto, e tinha para si que só um milagre podia restabelecer a ordem.

A esposa agarrava no velho servidor que administrava a alcáçova e deambulava, na sua companhia, pelas brenhas, quando não ficava sentada diante das imagens dos seus livros. A floresta abre-se, mas a sua alma esquiva-se; ela rompia pelo meio dos troncos, trepava às penedias, avistava trilhos e animais, mas não trazia para casa senão esses pequenos sustos, dificuldades superadas e curiosidades satisfeitas, cuja intensidade se esvaía quando apartados da floresta, e mesmo essa miragem verde que já conhecia dos relatos anteriores à sua vida, tornava a fechar-se sobre si mesma, logo que alguém lhe voltava as costas, desistindo de nela se embrenhar. Apesar disso, ia mantendo uma ordem complacente no castelo. E quanto aos filhos: seriam essas criaturas seus filhos? Nenhum vira ainda o mar. Antes lobinhos, julgava ela em certas ocasiões. Uma vez

trouxeram-lhe um lobinho da floresta. Criou-o também a ele. Entre ele e os grandes mastins reinava uma condescendência incómoda, um consentimento sem cumplicidades. Quando atravessava o pátio, eles erguiam-se nas patas traseiras e olhavam na sua direcção, mas não ladravam nem rosnavam. E o seu olhar seguia sempre em frente, mesmo se os relanceava de soslaio e o passo era só um tudo-nada mais lento e tenso, a fim de passar despercebido. Seguia por toda a parte a dona, sem sinais de afecto ou intimidade; olhava-a amiúde com os seus olhos vigorosos, mas inexpressivos. Ela amava este lobo, pois que os seus músculos salientes, o pêlo castanho, a muda ferocidade e a intensidade do olhar lhe faziam lembrar o senhor von Ketten.

E, certo dia, chegou o momento pelo qual se tem de esperar: o bispo adoeceu e morreu e o cabido ficou sem cabeça. Ketten vendeu o que eram bens mobiliários, mandou penhorar o património imóvel e armou, com todos os meios ao seu alcance, um pequeno exército próprio. Então, entrou em negociações. Posto perante a alternativa de prosseguir a antiga contenda contra uma força armada de fresco antes que o futuro chefe tivesse tempo de decidir, ou concertar uma trégua em conta, o cabido optou por esta última; e outro rumo não poderiam levar as coisas senão ter Ketten arrebatado a parte do leão, como último resistente ali plantado em força e ameaças, desforrando-se o cabido a expensas dos mais fracos e pusilânimes.

Assim se viu o desfecho daquilo que para quatro gerações fora como que a parede que se vê e não se vê diante dos olhos, à primeira refeição do dia; de repente, já lá não está e se, até agora, tudo fora igual à vida de

todos os Ketten, o que lhe restava doravante era retocar e pôr em ordem, tarefa de artesãos, que não de senhores.

Foi então que, cavalgando de regresso a casa, uma mosca o picou.

A mão inchou instantaneamente e ele sentiu-se muito cansado. Entrou na taberna de uma aldeiazita miserável e, sentado à mesa de madeira ensebada, apoderou-se dele uma sonolência. Pousou a cabeça sobre a imundície e quando acordou, ao cair da noite, estava com febre. Teria, todavia, continuado o seu caminho, se houvesse pressa; mas não havia. Quando, na manhã seguinte, quis subir para a montada, caiu de fraqueza. O braço e o ombro estavam inchados e ao forçá-los a encaixar-se na armadura, teve que a mandar desafivelar de novo; enquanto esperava de pé que o fizessem, sobreveio-lhe um calafrio de uma violência inaudita; os músculos estremeciam e dançavam de tal modo que não conseguia levar uma mão à outra e as partes metálicas semi-afiveladas matraqueavam como caleiras soltas em plena tempestade. Sentia que a cena era de farsa e riu de raiva do matraqueio, mas as pernas fraquejavam-lhe como as de um rapazinho. Enviou um mensageiro à mulher; outro foi buscar um barbeiro e um terceiro a casa de um médico reputado.

O barbeiro, sendo o primeiro a chegar, prescreveu cataplasmas quentes de plantas medicinais e solicitou autorização para sangrar. Ketten, agora muito mais impaciente para voltar a casa, ordenou-lhe que fizesse a incisão, e dentro em breve, já tinha quase tantas feridas novas como antigas. Dores desusadas, estas, perante as quais se encontrava indefeso. Durante dois dias o se-

nhor von Ketten foi sugado por compressas de plantas medicinais, ordenando então que o agasalhassem dos pés à cabeça e o levassem para casa; três dias demorou esta marcha, mas o tratamento brutal que lhe poderia ter causado a morte ao consumir todas as defesas vitais, parecia haver detido a progressão da doença: quando chegaram ao seu destino, o infectado ainda se debatia com febres elevadas, mas o pus não tinha alastrado.

A febre, tal vasta pradaria a arder, durou semanas. O enfermo ia-se finando no seu fogo a cada dia que passava, mas os fluidos malignos pareciam igualmente aí se consumir e esfumar. Mais do que isso nem mesmo o médico reputado saberia dizer e, de resto, só a portuguesa desenhava sinais misteriosos na porta e na cama. Num dia em que do senhor von Ketten nada mais restava do que uma forma cheia de cinza quente e mole, a febre caiu, abrupta para um patamar muito inferior, aí se detendo numa incandescência mansa e tranquila.

Desusadas que eram as dores perante as quais não havia defesa, nem por isso o enfermo viveu o que se seguiu como alguém a quem aquilo estava a acontecer. Dormia muito e até de olhos abertos se mantinha ausente; mas, mesmo quando voltava a si, esse corpo abúlico, quente e inane como o de uma criança, não era o seu, como não era a sua essa alma débil, que um sopro perturbava. Decerto que já se despedira desta vida e, durante todo este tempo, apenas aguardava em qualquer parte se ainda teria de regressar. Nunca imaginara que morrer fosse tão pacífico; uma parte do seu ser já se lhe tinha adiantado na morte, dispersando-se como uma fileira de caminhantes. Se bem que os ossos ainda permanecessem no leito, e o leito ainda lá estivesse, a

mulher se curvasse sobre ele e ele, por curiosidade e em jeito de distração, lhe observasse os movimentos no rosto atento, tudo o que lhe era querido já se encontrava muito além à sua frente. O senhor von Ketten e a sua feiticeira das noites enluradas tinham saído dele e, de mansinho, haviam-se afastado afastado: ainda os via, tinha a noção de que, a seguir, com alguns esforços iria conseguir alcançá-los, mas a única coisa que desconhecia era se já estava junto deles ou ainda deste lado. Tudo isto, porém, repousava numa mão gigante e benévola, tão amena como um berço, embora, ao mesmo tempo, tudo sopesasse, sem fazer grande caso do despacho. Aquilo podia ser Deus. Não tinha dúvidas, tal como lhe era alheio qualquer entusiasmo; aguardava, sem tão-pouco corresponder ao sorriso que sobre ele se inclinava, e às palavras meigas.

Então chegou o dia em que, bruscamente, se sentiu chegar ao fim, caso não usasse toda a sua força de vontade para continuar entre os vivos; foi esse o dia em cujo entardecer a febre caiu.

Logo que viu superado este primeiro patamar da convalescença, ordenou que dia após dia o levassem até à pequena faixa verde sobre o esporão rochoso que se erguia nos ares, despido de muralhas. Envolto em cobertas, aí ficava deitado, ao sol. Dormia, despertava, não dava pela diferença.

Certa vez, ao acordar, o lobo estava lá. Olhou-o nos olhos faiscantes e não conseguiu mexer-se. Não soube quanto tempo decorrera, agora a mulher estava a seu lado, o lobo encostado ao joelho dela. Tornou a fechar os olhos, como se não tivesse chegado a acordar. Mas quando de novo o levaram para o leito, mandou que

lhe trouxessem a besta. Estava tão fraco que não conseguia retesá-la; ficou surpreendido. Acenou ao criado que se aproximasse, entregou-lhe a besta e ordenou: o lobo. Perante a hesitação do serviçal, enfureceu-se como uma criança e, ao cair da noite, a pele do lobo pendia no pátio do castelo. Quando a portuguesa a viu, e só posta ao corrente pelos servos, ficou sem pinta de sangue. Aproximou-se do leito do marido. Lá estava ele, branco como a cal e, pela primeira vez, voltou a olhá-la nos olhos. Ela riu-se e disse: Vou mandar fazer uma coifa com a pele e venho de noite chupar-te o sangue.

Então foi a vez de ele mandar embora o clérigo que antes lhe dissera: O bispo pode rezar a Deus, o que é um perigo para vós — e que, mais tarde, estava sempre a dar-lhe a Extrema-Unção. Mas a partida não se concretizou de imediato: a portuguesa meteu-se de permeio e pediu que se consentisse a presença do capelão até ele achar emprego em outro sítio. O senhor von Ketten anuiu. Ainda estava combalido e continuava a dormir muito ao sol, no tabuleiro arrelvado. Quando, em certa ocasião, aí voltou a acordar, estava lá o amigo de juventude. Encontrava-se ao lado da portuguesa, e viera do seu país; nesta região do Norte, ele parecia-se com ela. Saudou com nobreza de maneiras e proferiu palavras que, a crer na sua expressão, deviam estar repletas da maior cortesia, ao passo que o Ketten se estirava na erva como um cão e se cobria de vergonha.

Aliás, talvez isso só tenha sucedido da segunda vez: ainda lhe acontecia não dar conta do que se passava. Também só mais tarde é que reparou como o gorro se lhe tornara grande demais. A um ligeiro puxão, o gorro de pele macia, até aí sempre um pouco apertado,

descaía agora sobre a orelha, que o sustinha. Encontravam-se os três juntos e a mulher disse: “Meu Deus, a tua cabeça encolheu!”. Primeiro, veio-lhe à ideia que talvez tivesse cortado o cabelo demasiado curto, só que, de momento, não se recordava quando isso acontecera; passou discretamente a mão pela cabeça, mas o cabelo estava mais longo do que era preceito e carecia de cuidados, desde que adoecera. O capuz lá deve ter dado de si, pensou ele, mas era ainda praticamente novo e como é que podia ter dado de si, arrumado e sem uso, num baú? Vai daí, gracejou com o episódio e opinou ser bem possível que, durante os muitos anos de privança com a soldadesca em lugar de ilustrados cortesãos, o crânio se visse reduzido. Sentiu como a pilhéria lhe saíra desajeitada e, demais a mais, a questão não fora deslindada, pois será que um crânio pode encolher? A força das veias pode afrouxar, a camada de gordura sob o couro cabeludo pode derreter um pouco com a febre: mas em que é que isso dá? E agora, punha-se de vez em quando a fingir que alisava o cabelo, pretextando limpar o suor, ou tentava, inclinando-se para trás na direcção da sombra, passar despercebido, enquanto, por várias vezes e de diversos ângulos, executava rápidas medições do crânio com as pontas de dois dedos, como se usasse um compasso de pedreiro. Mas não restavam quaisquer dúvidas, a cabeça encolhera e se a palpasse do interior, por meio de pensamentos, ainda era muito mais pequena, como duas finas e minúsculas conchas justapostas.

Na verdade, existem muitas coisas que não se conseguem esclarecer, mas não se trazem sobre os ombros, nem se sentem de cada vez que se vira o pescoço na direcção de duas pessoas que conversam enquanto se

finge dormir. Exceptuando meia-dúzia de palavras, havia muito que tinha esquecido a língua estrangeira; uma vez, porém, entendeu a frase: “Não fazes aquilo que queres e fazes aquilo que não queres.” O tom sugeria mais a premência do que a ironia; aonde quereria ele chegar? Numa outra ocasião, debruçou-se muito para fora da janela, mergulhando no rumor do rio; agora era vulgar fazê-lo como um jogo: o ruído, caótico que nem feno varrido a trouxe-mouxe, bloqueava o ouvido e, no regresso da surdez, surgia lá dentro, diminuto e longínquo, o diálogo da mulher com o outro; era um diálogo animado, as suas almas pareciam sentir-se bem na companhia recíproca. Da terceira vez, seguiu pura e simplesmente o rasto ao par que, ao princípio da noite, ainda se dirigia ao pátio; ao passar pelo archote que encimava a escadaria, a copa das árvores deveria acolher a sombra deles; chegada a hora, ele inclinou-se, rápido, para a frente, mas, na folhagem, as duas sombras fundiram-se espontaneamente numa só. Fossem outros os tempos, e por certo buscaria, com cavalos e criados, expulsar do corpo a peçonha, ou então escaldá-la em vinho. Mas o capelão e o recitador entregavam-se a tal regabofe que lhes escorriam vinho e viandas dos cantos da boca e, por entre risos, o jovem cavaleiro meneava o pichel na sua direcção, como quem aqula entre si os cães. Ketten execrava o vinho emborcado pelos labregos levemente envernizados de escolástica. Falavam do milenarismo, querelas doutorais e de histórias de saias no folhelho: em alemão e latim de igreja. Quando fazia falta, um humanista de passagem pelo castelo servia de intérprete entre este românico e o do português; torcera um pé e, com vigor, aqui se dedicava à

sua cura. “Caiu do cavalo quando uma lebre lhe saltou ao caminho,” contou o recitador. “Tomou-a por um dragão”, escarneceu, mal-humorado, o senhor von Ketten, que presenciava a cena, sem grande convicção. “Mas o cavalo também,” berrou o capelão do castelo, “senão, não teria dado tamanho salto! E aí está como o próprio *magister* é mais versado do que o senhor em matéria de esperteza cavalar!” Os bebedanas desataram a rir do senhor von Ketten. Este olhou para eles, avançou um passo e esbofeteou o capelão, jovem e nutrido campônês que corou até à raiz dos cabelos, empalidecendo, porém, logo a seguir, sem se mexer do sítio. O jovem cavaleiro ergueu-se com um sorriso e foi procurar a amiga. “Por que razão não o apunhalastes?!” sibilou o humanista da lebre, quando ficaram sozinhos. “É que ele tem a força de dois touros”, retorquiu o capelão, “tal como a doutrina de Cristo se presta na perfeição a dar-nos consolo em tais apuros.” Mas, na verdade, o senhor von Ketten ainda estava muito fraco e só com excessiva lentidão a vida lhe ia regressando ao corpo; era incapaz de encontrar o segundo patamar da cura.

O estrangeiro não prosseguia viagem e a sua companhia de folguedos compreendia mal as insinuações do seu senhor. Havia onze anos que ela esperava pelo esposo, durante onze anos fora ele o amante da fama e da fantasia; agora vagueava pelo paço e pelo pátio e, minado pela doença, destilava vulgaridade perante a juventude e os modos palacianos. Ela não se perdia em cismas sobre o caso, mas já se cansava deste país que prometera o indescritível, e não se queria constranger, por causa de uma fisionomia contrafeita, a mandar embora o companheiro de infância que trazia em si o

aroma da pátria e ideias que a faziam rir. Nada tinha a censurar-se; um pouco mais fútil durante as últimas semanas – mas isso só fazia bem – sentia agora que por vezes, o rosto lhe resplandecia de novo como em anos idos. Consultada uma vidente, esta tinha predito ao senhor von Ketten: “Só vereis a cura se levardes a bom termo alguma empresa”, mas quando instou com ela, que empresa seria essa, a vidente remeteu-se ao silêncio, procurou esquivar-se e acabou por declarar que não conseguia descobri-la.

Em qualquer outra circunstância, teria sempre conseguido desfazer delicadamente a hospitalidade, em lugar de a romper; acrescia que o carácter sagrado da vida e do direito à hospitalidade não representavam um obstáculo intransponível para quem tinha sido, durante anos, um convidado indesejável junto dos seus inimigos; mas a debilidade actual do convalescente quase o faziam orgulhar-se do seu desamparo; essa sagacidade manhosa não lhe parecia preferível às pueris subtilezas da palavra por parte deste jovem. Algo de estranho se passava com von Ketten. Nas brumas da doença que o mantinham cercado, a figura da mulher surgia-lhe mais meiga do que seria de esperar; não lhe notava diferença em relação aos tempos mais antigos, quando se espantara de, por vezes, reencontrar no seu amor uma intensidade maior do que o normal, já que a causa não podia, contudo, ser a sua ausência. Não seria sequer capaz de dizer se estava alegre ou triste; exactamente como naqueles dias de funda intimidade com a morte. Não conseguia mexer-se. Sempre que olhava a mulher nos olhos, estes pareciam acabados de polir e neles se reflectia a sua própria imagem, vedando-lhe a entrada

ao olhar. No seu estado de espírito, a única saída era dar-se um milagre, pois, de outro modo, nada se dava, e não se pode ordenar ao destino que fale quando ele se quer calar; avisado é ficar à escuta do que há-de vir.

Um dia, quando subiam o monte em comitiva, o gatinho estava lá em cima, diante da porta do castelo. Espicado diante da porta, como se pretendesse, não galgar o muro à maneira dos gatos, mas que lhe dessem entrada à maneira dos humanos, arqueou o dorso para dar as boas-vindas e roçou-se pelas saias e botas das enormes criaturas que pasmavam, sem qualquer razão, com a sua presença. Deu-se entrada ao bichano, mas tudo levaria a crer que se recebia um convidado e logo no dia seguinte se tornou manifesto que talvez se tivesse acolhido uma criancinha e não apenas um gato, tais eram as exigências colocadas pelo frágil animal que não buscava os prazeres das caves e dos sótãos, mas em momento algum se privava do convívio dos humanos. E possuía o dom de lhes reclamar o seu tempo, o que era sobremaneira difícil de entender, na medida em que havia tantos outros e mais nobres animais no castelo e os seres humanos já tinham muito em que se ocupar consigo próprios; na verdade, isso parecia dever-se justamente ao facto de eles serem forçados a baixar os olhos na direcção do solo para contemplar a diminuta criatura que se comportava de forma eminentemente discreta e um nadinha mais tranquila do que conviria a um bichano. Brincava nos moldes que, como ele bem devia saber, correspondiam àquilo que as pessoas esperam dos gatinhos: trepava para o colo e chegava a fazer um esforço manifesto para lhes ser simpático, mas sentia-se que ele não estava totalmente presente; e era precisa-

mente isto, em falta num gatinho vulgar, que se constituía num segundo ser, um ser-outro ou uma auréola de serenidade que o envolvia, sem que ninguém tivesse coragem de o dizer. A portuguesa curvava-se ternamente sobre a criaturinha deitada de costas no seu regaço que, como uma criança, lançava as garras minúsculas na direcção dos dedos reinadios; e profundamente se curvava o jovem amigo, por entre risos, sobre a gata e o regaço; ao senhor von Ketten o jogo recordava-lhe a sua doença, parcialmente vencida, como se esta, com a sua letal doçura, transmutada que fora no diminuto corpo animal, agora já não se encontrasse dentro deste mas entre eles. Um criado disse: o gato tem sarna.

Surpreendeu-se o senhor von Ketten por não ter dado por isso; o criado repetiu: tem de ser abatido quanto antes.

Entretanto, fora dado ao gatinho um nome tirado de um livro de histórias. O bichano tornara-se ainda mais doce e paciente. Também já se notava que estava a adoecer, com uma fraqueza quase luminescente. Demorava cada vez mais tempo a recompor-se dos afazeres do mundo, estendendo-se no regaço e ferrando as suas minúsculas garras com terna ansiedade. Foi igualmente por esta altura que começou a encará-los, um após o outro; o lívido Ketten e o jovem português, sentado e inclinando-se para o bichano de quem não desviava o olhar, ou para a respiração do colo onde se encontrava. Ele enfrentava-os como pedindo absolvição pelo futuro e ignóbil sofrimento, em misteriosa permuta com todos eles. Começou, então, o seu martírio.

Uma noite vieram os vômitos e vomitou até de manhazinha; ao regressar a luz do dia, mergulhara num

tal estado de abatimento e perturbação, que se diria ter levado múltiplas pancadas na cabeça. Ou, quem sabe se num excesso de amor, tinham, pura e simplesmente, dado comida a mais ao pobre gatinho esfaimado: fosse como fosse, face ao sucedido, ele já não podia ficar no quarto dos senhores e despacharam-no para as dependências junto ao pátio onde dormiam os serviçais. Porém, passados dois dias, estes queixaram-se da ausência de melhoras e era mais do que provável que o tivessem escorraçado durante a noite. Agora não só vomitava como também já não conseguia reter as fezes e dele já nada estava a salvo. Colocados perante a difícil escolha entre uma aura praticamente invisível e a horrenda imundície, e conhecedores, entretanto, do sítio de onde ele vinha, tomaram a resolução de o devolver à sua proveniência: tratava-se de um casebre de camponeses, lá em baixo junto ao rio, rente à falda do cabeço. Restituíram-no à sua comunidade de origem, como hoje se diria, não querendo assumir a responsabilidade, nem incorrer no ridículo; mas a consciência pesava-lhes a todos, pelo que mandaram dar leite, um pouco de carne e até dinheiro, a fim de que os camponeses, a quem a sujidade não afectava tanto, tratassem bem dele. A criadagem, porém, não deixou de abanar a cabeça à custa dos senhores.

O criado que levava lá abaixo o gatinho relatou que o bichano o tinha seguido quando regressara ao castelo e que se vira forçado a refazer a descida: passados dois dias já o animal se encontrava de novo lá em cima, no paço. Os cães evitavam-no, os criados não se atreviam a pô-lo fora por causa dos senhores; quando ele os fitava, fazia-o firme e silencioso, de modo que agora já nin-

guém pensava em recusar-lhe a morte ali em cima. Emagrecera a olhos vistos, o pêlo perdera o brilho, mas parecia ter superado o repugnante sofrimento e, de forma quase manifesta, apenas ia perdendo corporalidade. Seguiram-se dois dias em que tudo o que se dera até então voltou a acontecer com maior intensidade: um lento e manso deambular no refúgio onde lhe davam guarida; um sorrir distraído com as patas quando tentava agarrar uma pelota de papel, que faziam dançar à sua frente; por vezes, um ligeiro titubear de fraqueza, embora quatro patas o sustivessem, e, aqui e ali, uma queda sobre o flanco, no segundo dia. Num ser humano, este definhamento não causaria tal sensação de estranheza mas, no animal, aproximava-se de uma encarnação. Contemplavam-no numa quase reverência; nem uma destas três pessoas, na sua situação particular, foi poupada ao pensamento de que o seu próprio destino se trasladara para aquele gatinho, já meio-liberto do mundo terreno. No terceiro dia, porém, recommçaram os vômitos e a imundície. Lá estava o criado e, embora não ousasse repeti-lo, o seu silêncio dizia: tem de ser abatido. O português deixou cair a cabeça, como numa tentação, e disse depois à amiga: não há outra saída; e teve a sensação de que acabava de aceitar a sua própria sentença de morte. Subitamente, todos olharam para o senhor von Ketten. Este, que ficara branco como a cal, ergueu-se e saiu. Então a portuguesa disse ao criado: “Leva-o para a tua câmara.”

O criado levou-o para o sítio onde dormia e, no dia seguinte, o bicho tinha desaparecido. Ninguém fez perguntas. Todos sabiam que ele o abatera. Todos se sentiram oprimidos por uma culpa indizível: haviam perdi-

do uma parte de si próprios. Só as crianças ficaram insensíveis e acharam normal o criado ter morto um gato nojento com o qual já não se podia brincar. Mas, de vez em quando, os cães farejavam no pátio uma mancha de erva onde batia o sol, retesavam as patas, eriçavam o pêlo e deitavam olhadas furtivas de soslaio. Num desses momentos, o senhor von Ketten e a portuguesa encontraram-se. Ficaram ao pé um do outro, olharam na direcção dos cães e não conseguiram encontrar palavras. O sinal fora dado mas como se devia interpretá-lo e que iria suceder? Envolveu-os uma cúpula de silêncio.

Se ela não o tiver mandado embora até ao cair da noite, tenho de o matar – pensou o senhor von Ketten. Mas a noite veio e nada tinha acontecido. A merenda chegara ao seu termo. Ketten estava sentado, de semblante sombrio, aquecido por uma febre ligeira. Dirigiu-se ao pátio para apanhar fresco e aí ficou por longo tempo. Não conseguia vislumbrar a solução que, em toda a sua existência, lhe fora simples como uma brincadeira. Selar cavalos, apertar o arnês, puxar da espada; a música da sua vida, soava-lhe agora dissonante; o combate surgia-lhe como um movimento estranho e absurdo e até o breve percurso de uma faca era como uma estrada infinitamente longa onde um homem vai estiolando. Sofrer, contudo, também não lhe era de feição; sentia que nunca mais voltaria a restabelecer-se por inteiro, se não se livrasse desse mal. A par das duas vias, uma outra começou gradualmente a ganhar terreno: em rapazinho, tivera sempre vontade de escalar a escarpa inexpugnável que sustinha o castelo; era uma ideia insensata e suicida, mas que convocava a seu favor um sentimento obscuro como um juízo de Deus ou

um milagre iminente. Pareceu-lhe que não seria ele, mas sim o gatinho vindo do Além, quem voltaria a percorrer este caminho. Abanou a cabeça, em brando riso, a fim de a sentir sobre os ombros, mas deu consigo já muito lá em baixo, no caminho pedregoso que descia a ladeira.

No fundo do vale, junto ao rio, mudou de direção; caminhou sobre rochas entre as quais corria a água e subiu, através dos arbustos, até à escarpa. A lua assinalava com pontos de sombra as pequenas concavidades, onde se podiam cravar os dedos das mãos e dos pés. Bruscamente, soltou-se uma pedra sob o pé. O solavanco repercutiu-se nos músculos e depois, no coração. Ketten pôs-se à escuta: pareceu-lhe demorar uma eternidade até a pedra embater na água; abaixo dele, já devia ter pelo menos um terço da escarpa. Então veio a si, como uma evidência, e deu-se conta do que tinha feito. Chegar lá abaixo, só mesmo um morto, e escalar a escarpa era obra do demónio. Tacteou, por cima da cabeça, à procura. A cada avanço, a vida ficava suspensa de dez correias diminutas, os tendões dos dedos; o suor brotava-lhe da frente, explodia-lhe o calor no corpo, os nervos pareciam fios de pedra; e, contudo – estranha sensação – durante este corpo-a-corpo com a morte, a força e a saúde voltavam a afluir-lhe aos membros, como se regressassem ao corpo, vindas do exterior. E alcançou-se o improvável: era ainda preciso contornar um ressalto lateral mais acima e já ele lançava o braço pelo vão de uma janela. Não havia, aliás, outro meio de o conseguir que não fosse o assomar repentino a esta janela, mas ele sabia onde estava; com um impulso, içou-se para dentro, sentou-se no parapeito, as pernas ba-

louçando no interior do aposento. Com a força, renasceu o ser bravo. Respirou fundo. O punhal que trazia sobre o flanco, não o tinha perdido. Dir-se-ia não haver ninguém no leito. Mas aguardou até o coração e os pulmões se terem plenamente aquietado. E cada vez lhe parecia mais claro que estava sozinho nesta dependência. Avançou, de mansinho, até ao leito: nessa noite ninguém aí se deitara.

Pé ante pé, o senhor von Ketten transpôs quartos, corredores, portas que pessoa alguma, sem ser conduzida, encontraria à primeira, até chegar aos aposentos da mulher. Pôs-se à escuta e à espera, mas nenhum sussurro se deixou ouvir. Penetrou, sorrateiro, na alcova; a portuguesa respirava serenamente no seu sono; agachou-se em recantos obscuros, tacteou paredes e quando voltou a esgueirar-se para fora do quarto, quase poderia ter cantado da alegria que lhe fez vacilar a desconfiança. Passou o paço a pente fino, mas as tábuas e os ladrilhos rangiam-lhe debaixo dos pés como se buscasse uma surpresa alegre. No pátio, um criado perguntou-lhe quem era ele. E ele quis saber do convidado. Já cá não está, anunciou o serviçal, partiu ao nascer da lua. O senhor von Ketten sentou-se em cima de uma pilha de lenha meia descascada; e pasmou-se a senti-nela do que aí se atardou. De súbito apossou-se dele a evidência de que, a entrar então no quarto da portuguesa, já ela lá não estaria. Bateu com violência à porta e entrou; a jovem mulher acordou sobressaltada, como se, em sonhos, fosse esta a sua expectativa e viu-o à sua frente, vestido como partira. Nada se havia demonstrado nem deslindado, mas ela não fez perguntas e, quanto a ele, nada poderia perguntar. Correu o pesado re-

posteiro que encobria a janela, e a cortina rumorejante, atrás da qual nasciam e morriam todos os Catene, elevou-se nos ares.

“Se Deus pôde encarnar num homem, também pode encarnar num gato”, disse a portuguesa, e ele deveria ter-lhe tapado a boca com a mão, por causa da blasfêmia, mas eles sabiam que, das palavras ditas, som algum passaria para fora daqueles muros.

Georges Perec

*A viagem de inverno*

Tradução de José Lima

**George Perec** (1936-1982) nasceu em Paris numa família de judeus polacos, tendo sido criado pelos seus tios, depois da morte do pai em consequência dos ferimentos de guerra, em 1940, e a morte da mãe assassinada num campo de concentração nazi.

Sociólogo de formação, documentalista no Centro Nacional de Investigação Científica, inicia a actividade literária colaborando em diversas revistas (*Lettres nouvelles*, *N.R.F.*, *Partisans*). Em 1973, co-realiza um filme baseado numa história sua, *Um Homem que Dorme* (Presença, 1991) que recebeu o prémio Jean Vigo. Em 1967 aderiu ao grupo OuLiPo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*) fundado por Raymond Queneau e formado por escritores e matemáticos dedicados à exploração das potencialidades criativas das regras formais da língua (anagramas, lipogramas, palíndromos, jogos de palavras, etc). Foi sob esta influência que Perec escreveu *La disparition* (1969), um romance de género policial, em que a intriga central consiste no desaparecimento da letra *e* do alfabeto e que ao longo das suas 300 páginas nunca utiliza esta letra. *A Vida Modo de Usar* (Presença, 1989, tradução de Pedro Tamen), que recebeu o Prémio Médicis em 1978 é um dos grandes romances da literatura contemporânea.

*Viagem de Inverno*, um conto inédito em Português, que se inclui neste número de *Ficções*, foi inicialmente publicado num boletim da editora Hachette em 1980 e depois na revista *Magazine littéraire*, em 1983, sendo editada em livro pela primeira vez pelas Éditions du Seuil, em 1993.

Na última semana de Agosto de 1939, enquanto os rumores de guerra invadiam Paris, um jovem professor de letras, Vincent Degraël, foi convidado a passar alguns dias numa propriedade das proximidades do Havre que pertencia aos pais de um dos seus colegas, Denis Borrade. Na véspera da partida, quando explorava a biblioteca dos anfitriões à procura de um daqueles livros que há muito nos propusemos ler, mas que geralmente só teremos tempo de folhear distraidamente ao canto da lareira antes de nos chamarem para sermos o quarto jogador na mesa de bridge, Degraël encontrou por acaso um pequeno volume intitulado *A Viagem de Inverno*, cujo autor, Hugo Vernier, lhe era absolutamente desconhecido, mas cujas primeiras páginas lhe causaram uma impressão tão forte que ele mal se deu ao trabalho de se despedir do amigo e dos pais dele, antes de subir para o ler no quarto.

*A Viagem de Inverno* era uma espécie de narrativa

escrita na primeira pessoa, e situada numa região semi-imaginária, cujos céus pesados, florestas sombrias, colinas moles e canais cortados por comportas esverdeadas evocavam com uma insistência insidiosa as paisagens da Flandres ou das Ardenas. O livro dividia-se em duas partes. A primeira, mais curta, retraçava em termos sibilinos uma viagem de tom iniciático, em que cada etapa era assinalada por um revés, e ao fim da qual o herói anónimo, um homem que tudo levava a crer fosse jovem, chegava à margem de um lago mergulhado numa bruma espessa; esperava-o aí um passador, que o conduzia a uma ilhota escarpada no meio da qual se elevava uma construção alta e sombria; ainda mal o homem tinha posto pé no estreito pontão que constituía o único acesso da ilha e eis que surgia um estranho par : um velho e uma velha, ambos envoltos em longas capas pretas, que pareciam surgir do nevoeiro e vinham pôr-se um de cada lado dele, agarravam-lhe os cotovelos, encostando-se o mais que podiam contra ele, quase colados uns aos outros, subiam um carreiro esbarrondado, entravam na casa, subiam uma escada de madeira e chegavam a um quarto. Aí, tão inexplicavelmente como tinham aparecido, os velhos desapareciam, deixando o jovem sozinho. O quarto estava sumariamente mobilado: uma cama coberta com um cretone às flores, uma mesa, uma cadeira. Na lareira o lume crepitava. Em cima da mesa esperava-o uma refeição: uma sopa de favas, um pato-preto. Pela janela alta do quarto, o jovem olhava a lua cheia emergindo das nuvens; depois sentava-se à mesa e começava a comer. E era com esta ceia solitária que acabava a primeira parte.

A segunda parte constituía só por si cerca de quatro quintos do livro e percebia-se rapidamente que a breve narrativa que a precedia não passava de um pretexto circunstancial. Era uma longa confissão de um lirismo exacerbado, entremeada de poemas, de máximas enigmáticas, de sortilégios blasfemos. Assim que começou a lê-la Vincent Degraël teve uma sensação de mal-estar que lhe foi impossível definir precisamente, mas que se foi acentuando à medida que ia passando as páginas do volume com uma mão cada vez mais trémula: era como se as frases que tinha diante dos olhos se lhe tornassem de súbito familiares, irresistivelmente se pusessem a recordar-lhe *qualquer coisa*, como se à leitura de cada uma delas viesse impor-se, ou antes sobrepor-se, a recordação ao mesmo tempo precisa e indefinida de uma frase que seria quase idêntica e que ele teria já lido algures; como se aquelas palavras, mais ternas que carícias ou mais pérfidas que venenos, essas palavras ora límpidas ora herméticas, obscenas ou calorosas, cintilantes, labirínticas, e oscilando continuamente como a agulha enlouquecida de uma bússola entre uma violência alucinada e uma serenidade fabulosa, desenhassem uma configuração confusa onde dir-se-ia descobrir-se a esmo Germain Nouveau e Tristan Corbière, Villiers e Banville, Rimbaud e Verhaeren, Charles Cros e Léon Bloy.

Vincent Degraël, cujo campo de interesses cobria precisamente estes autores – preparava há anos uma tese sobre “a evolução da poesia francesa dos parnasianos aos simbolistas” – pensou a princípio que realmente podia já ter lido aquele livro ao sabor de alguma pesquisa, depois, e mais plausivelmente, que era vítima

de uma ilusão de *déjà vu* pela qual, como quando o simples gosto de um trago de chá nos conduz repentinamente a Inglaterra trinta anos antes, bastara um nada, um som, um cheiro, um gesto – talvez o momento de hesitação que denotara antes de retirar o livro da estante onde estava colocado entre Verhaeren e Vielé-Griffin, ou então a maneira ávida como tinha percorrido as primeiras páginas – para que a lembrança falaciosa de uma leitura anterior viesse sobrepôr-se e perturbar, até a tornar impossível, a leitura que agora fazia. Mas em breve a dúvida deixou de ser possível e Degraël teve de render-se à evidência: talvez a memória lhe pregasse uma partida, talvez não passasse de um acaso que Vernier desse a impressão de ir buscar a Catulle Mendès o seu “único chagal rondando os sepulcros de pedra”, talvez se pudesse tomar em consideração os encontros fortuitos, as influências assumidas, as cópias inconscientes, a busca do *pastiche*, o gosto das citações, as coincidências felizes, talvez se pudesse considerar que expressões como “o voo do tempo”, “névoas de inverno”, “obsuro horizonte”, “vaporosas fontes”, “luzes incertas dos bosques bravios” pertencessem de pleno direito a todos os poetas e que por consequência fosse também normal encontrá-las tanto num parágrafo de Hugo Vernier como nas estrofes de Jean Moréas, mas era absolutamente impossível não reconhecer, palavra a palavra ou quase, simplesmente ao acaso da leitura, aqui um fragmento de Rimbaud (“Via francamente uma mesquita no lugar de uma fábrica, uma escola de tambores feita por anjos”) ou de Mallarmé (“o inverno lúcido, estação da arte serena”), ali Lautréamont (“Olhava num espelho aquela boca mortificada pela

minha própria vontade”), Gustave Kahn (“Deixa expirar a canção... o meu coração chora / Um bistre rasteja em torno das claridades. Solene / O silêncio subiu lentamente, atemoriza / Os ruídos familiares do vago pessoal”) ou, ligeiramente modificado, Verlaine (“no interminável enfado da planície, a neve luzia como areia. O céu estava cor de cobre. O comboio deslizava como um murmúrio...”), etc.

Eram quatro horas da manhã quando Degraël acabou a leitura de *Viagem de Inverno*. Tinha identificado uns trinta empréstimos. Havia certamente outros. O livro de Hugo Vernier parecia não ser mais do que uma prodigiosa compilação de poetas de finais do século XIX, um centão desmesurado, um mosaico em que a bem dizer cada peça era obra de outro. Mas no próprio momento em que se esforçava por imaginar este autor desconhecido que pretendia beber nos livros dos outros a própria matéria do seu texto, em que tentava formar uma visão de conjunto deste projecto insensato e admirável, Degraël sentiu nascer nele uma suspeita perturbante: acabava de se lembrar que ao tirar o livro da estante, tinha reparado maquinalmente na data, movido pelo reflexo do jovem investigador que nunca consulta uma obra sem anotar os dados bibliográficos. Talvez se tivesse enganado, mas estava mesmo convencido de que tinha lido: 1864. Verificou, o coração em sobressalto. Tinha lido bem: o que significava que Vernier tinha “citado” um verso de Mallarmé com dois anos de antecipação, plagiado Verlaine dez anos antes das suas *Ariettes Oubliées*, escrito como Gustave Kahn cerca de um quarto de século antes dele! O que queria dizer que Lautréamont, Germain Nouveau, Rimbaud, Corbière e

muitos mais não passavam de copistas de um poeta genial e ignorado que, numa única obra, tinha conseguido reunir a própria substância de que iriam alimentar-se depois dele três ou quatro gerações de autores!

A menos que, naturalmente, a data de impressão que figurava no livro estivesse errada. Mas Degraël recusava-se a encarar tal hipótese: a descoberta era demasiado bela, demasiado evidente, demasiado necessária, para não ser verdadeira, e imaginava já as consequências vertiginosas que iria provocar: o escândalo prodigioso que iria constituir a revelação pública desta “antologia premonitória”, a amplitude das repercussões, a enorme contestação de tudo o que os críticos e os historiadores da literatura tinham imperturbavelmente professado há anos e anos. E a impaciência dele era tal que, renunciando definitivamente ao sono, precipitou-se para a biblioteca para tentar saber um pouco mais sobre esse Vernier e a sua obra.

Não encontrou nada. Os poucos dicionários e repertórios presentes na biblioteca dos Borrade ignoravam a existência de Hugo Vernier. Nem os pais Borrade nem Denis lhe puderam dizer mais: o livro tinha sido comprado num leilão, dez anos antes, em Honfleur; tinham-no folheado sem lhe prestar grande atenção.

Durante o dia todo, com a ajuda de Denis, Degraël procedeu a um exame sistemático do livro, procurando nele os fragmentos espalhados por dezenas de antologias e colectâneas: encontraram cerca de trezentos e cinquenta, distribuídos por cerca de trinta autores: dos mais célebres aos mais obscuros do fim do século, e por vezes mesmo alguns prosadores (Léon Bloy, Ernest Hello), davam bem a impressão de terem feito da *Viagem de*

*Inverno* a bíblia onde foram colher o melhor deles próprios: Banville, Richepin, Huysmans, Charles Cros, Léon Valade, lado a lado com Mallarmé e Verlaine, assim como outros agora caídos no esquecimento, que se chamavam Charles de Pomairols, Hippolyte Vaillant, Maurice Rollinat (o afilhado de Georges Sand), Laprade, Albert Mérat, Charles Morice ou Antoine Valabrègue.

Degraël anotou cuidadosamente num caderno a lista dos autores e a referência dos respectivos empréstimos e regressou a Paris, decidido a prosseguir logo no dia seguinte as suas pesquisas na Biblioteca Nacional. Mas os acontecimentos não lho permitiram. Em Paris, esperava-o uma guia de marcha. Mobilizado em Compiègne, viu-se, sem verdadeiramente ter tido tempo de perceber porquê, em Saint-Jean-de-Luz, passou para Espanha e daí para Inglaterra, não voltando a França senão em fins de 1945. Durante toda a guerra, trouxera consigo o caderno e miraculosamente conseguira nunca o ter perdido. As suas investigações naturalmente não tinham avançado muito, embora tivesse feito uma descoberta para ele capital: no British Museum, pudera consultar o *Catálogo geral da biblioteca francesa* e a *Bibliografia de França* e pudera confirmar a sua hipótese extraordinária: *A Viagem de Inverno*, de Vernier (Hugo), tinha mesmo sido editada em 1864, em Valenciennes, por Hervé Frères, Impressores-Livreiros, e, sujeita a depósito legal como todas as obras publicadas em França, fora depositada na Biblioteca Nacional, onde lhe fora atribuída a cota Z 87912.

Colocado como professor em Beauvais, Vincent Degraël consagrou a partir de então todo o seu tempo livre à *Viagem de Inverno*.

Algumas investigações mais profundas nos diários íntimos e na correspondência da maior parte dos poetas de finais do século XIX persuadiram-no rapidamente de que Hugo Vernier conhecera, no seu tempo, a celebridade que merecia: notas como “recebi hoje uma carta de Hugo”, ou “escrevi uma longa carta a Hugo”, “li V.H. a noite inteira”, ou ainda o célebre “Hugo, apenas Hugo” de Havercamp, não se referiam de modo nenhum a “Victor” Hugo, mas sim a este poeta maldito cuja obra breve tinha aparentemente incendiado todos aqueles que a tiveram na mão. Contradições manifestas que a crítica e a história literária não tinham nunca podido explicar encontravam deste modo a única solução lógica, e foi evidentemente pensando em Hugo Vernier e ao que deviam a *Viagem de Inverno*, que Rimbaud tinha escrito “Eu é um outro” e Lautréamont “A poesia deve ser feita por todos e não por um”.

Mas quanto mais ele fazia realçar o lugar preponderante que Hugo Vernier deveria vir a ocupar na história literária da França do final do século passado, menos habilitado se mostrava a fornecer provas tangíveis para tanto: pois que nunca conseguiu ter na mão um exemplar da *Viagem de Inverno*. O que ele consultara tinha sido destruído – juntamente com a casa – nos bombardeamentos do Havre; o exemplar depositado na Biblioteca Nacional não estava lá quando o requisitou e foi só após demoradas diligências que conseguiu saber que o livro, em 1926, tinha sido enviado a um encadernador que nunca o recebera. Todas as pesquisas que mandou fazer a dezenas e centenas de bibliotecários revelaram-se inúteis, e Degraël em breve se convenceu de que os quinhentos exemplares da edição tinham sido

deliberadamente destruídos precisamente por aqueles que nele se tinham inspirado directamente.

Sobre a vida de Hugo Vernier, Vincent Degraël não apurou nada ou quase nada. Por uma notazinha inesperada, descoberta numa obscura *Biografia dos homens notáveis da França do Norte e da Bélgica* (Verviers, 1882), ficou a saber que nascera em Vimy (Pas-de-Calais) em 3 de Setembro de 1836. Mas o registo civil da municipalidade de Vimy tinha sido queimado em 1916, assim como as duplicatas depositadas na prefeitura de Arras. Aparentemente, nunca foi exarada nenhuma certidão de óbito.

Durante cerca de trinta anos, Vincent Degraël esforçou-se em vão por reunir as provas da existência deste poeta e da sua obra. Quando morreu, no hospital psiquiátrico de Verrières, alguns dos seus antigos alunos empreenderam a tarefa de ordenar o imenso volume de documentos e de manuscritos que ele deixava: entre eles figurava um volumoso álbum encadernado em tela negra e em cujo rótulo, em caligrafia esmerada, se lia *A Viagem de Inverno*: as primeiras oito páginas reconstituíam a história destas vãs investigações; as trezentas e noventa e duas seguintes estavam em branco.



Maria Ondina Braga

*Estação morta*

**Maria Ondina Braga** (1932-2003) nasceu em Braga, que abandonou nos anos 50 para estudar Línguas em Cambridge e em Paris. Leccionou Português e Inglês em Luanda, Goa, Macau e Pequim. Dessa experiência no Oriente recolheu a matéria de *A China Fica ao Lado* (1968) traduzido em chinês, *Angústia em Pequim* (1984) e *Nocturno em Macau*, Prémio Eça de Queirós, 1992. Pessoa discreta e amável, Maria Ondina Braga foi ainda tradutora de Graham Greene, John Le Carré e de Anais Nin, entre outros. Depois de ter vivido em Lisboa muitos anos Maria Ondina voltou a Braga, onde morreu em Março deste ano. Dela publicamos *Estação Morta*, que dá o título à colecção de contos publicados pela Editorial Vega em 1980, e posteriormente incluído na antologia *A Rosa de Jericó*, Caminho, 1992.

A chuva e o vento zuniam nas janelas da carruagem e ela dizia consigo, meio a rir: “Vou para a praia...” Comboio da noite. Um compartimento com duas pessoas e espaço para cem.

O outro passageiro, um soldado, espreitava em cada estação: “Já há tanto tempo que cá não venho... Acho que é a sexta paragem depois de Torres.” E a fome que tinha! Sempre cuidara que no caminho se vendesse alguma coisa de comer. O comboio sem restaurante. “Vou para um velório, veja lá! Minha tia e madrinha.” A última vez que a vira devia andar pelos doze anos. Depois, a família cortara relações por causa de heranças. Mas fizera questão de vir. A única pessoa que se lembrara dele no quartel: mandava-lhe pão-de-ló, botijas de bagaceira.

Ela a escutar, a acenar, calada. Achava ridículo dizer que ia para a praia.

O outro a lembrar a visita à falecida. Por aquele

tempo. A matança do porco. Assavam-se castanhas no brasido da lareira, e o vinho novo a tingir os copos. E enquanto todos se atiravam às febras e aos enchidos, ele muito enjoado, embrulhado num capote, a engolir umas colheres de canja. Um emplasmado em miúdo... A dada altura, acomodando-se na beira do banco, pousou a testa na dobra do braço:

– Se adormecer, acorde-me, por favor. A noite passada estive de serviço.

Dora via-lhe agora o ombro possante e a guedelha arruivada na nuca. Os pássaros dormiam assim, empoleirados e sem cabeça.

Ao chegar ao seu destino foi abaná-lo.

– Já é?

– Não. Eu é que vou sair.

Endireitando-se, estremunhado, o moço ofereceu-se para lhe descer a mala. Tinha a cara vermelha e os cabelos eriçados como as penas de um galo na galação.

Na estação indicaram-lhe o caminho mais perto: uma vereda lamacenta por entre quintais. Ladravam cães. Ao entrar na estrada, virar à direita no primeiro cruzamento. Mas a estrada tardava em aparecer. Chapinhava nas poças. Entretanto, os olhos, habituando-se-lhe ao escuro, iam distinguindo abóboras nos muros, e sapos ou ratos a fugir à sua frente. Na estrada pousou a mala, que pesava por causa dos livros. A luz fraquinha de um candeeiro fê-la achar tudo muito nítido: uma vivenda com persianas azuis, a cancela de madeira nova, por pintar, tufos de cactos carnudos e espinhosos. O cotovelo à direita, porém, fechado como um túnel. A chuva parara. Gemia o mar, ao longe, e

perto restolhavam ramagens. Eram árvores de um lado e doutro e espantou-se de serem frondosas em pleno Outono: cedros? ciprestes? Voltou a pousar a mala, algo desorientada – ainda faltaria muito? Deu mais um passo, e logo a tabuleta iluminada: GRANDE HOTEL DO PARQUE.

A dona do hotel chamava-se Mme. Henriette – ela própria quem abriu a porta e se apresentou: forte, de idade, usava um “blazer” cor de alfazema sobre a saia preta, elegante, dois dedos abaixo das curvas das pernas grossas, apertadas em meias de descanso. Os dentes, demasiado perfeitos para serem verdadeiros, cintilavam na boca pintada. Um par de olhinhos azuis em ninhos de rugas. Meteram por amplo corredor. Uma mulher pequena, de avental branco, carregava a mala da hóspeda. Monstruosa, a sombra de Mme. Henriette ia de lés a lés, resvalava pelo tecto.

Destinara-lhe o quarto do fundo, o mais airoso. Fora da época só ocupavam o rés-do-chão. Mas havia de gostar dele: mesmo sobre a mata.

Exausta, Dora sentou-se na primeira cadeira. Mme. Henriette, de um lado para o outro, a correr as cortinas, a acender o calorífero, e a falar, sempre: o tempo ia mudar. Então, verão de S. Martinho! Para banho de mar não dizia, mas para se queimar na praia... Por vezes era melhor que em Agosto... – Dora admirava-lhe o desembaraço, apesar das varizes. Os saltos dos sapatos, tac-tac, no soalho de tábuas. – Água quente até o meio-dia, mas, se fosse preciso, também se arranjava à noite. Passou para a casa de banho, desandou torneiras. Cansada, não? O hotel afastado da povoação, sim, uma estirada. Porque não mandara aviso? A Ermelinda

tinha-a ido esperar. E, curvando-se, com um sorriso que lhe sumia os olhos para dar lugar à dentadura toda:

– Fica até o fim do mês?

Era, um quarto descomunal, com duas janelas. A cama, de ferro, ao centro. Entre as janelas, um cadeirão de verga forrado de chita. O guarda-fato arrimado a uma das paredes, a cómoda a outra.

Dora começou a desfazer a mala, e ia de extremo a extremo do aposento, sentava-se um instante na cama, encetava novamente a travessia, descansava a meio: mas que castigo é este? Amanhã vou pedir a Mme. Henriette um quarto mesmo, não um salão de baile. Arredou os cortinados: varanda de pedra ou pérgula, não se via bem. Cheirava a folhas molhadas e a musgo, não a mofo como geralmente acontecia em quartos fechados.

Quando se deitou teve a sensação de se estender num esquite. Catre estreito, colchão rijo, de palha. Os lençóis, ásperos, passajados na dobra. Restolhar igual ao do caminho, por trás das janelas: o vento no pinhal? Sentia frio e encotinhava-se toda. Cismava: Mme. Henriette – porquê uma francesa? – que bem falava o português. Ao adormecer, já tarde, sonhou que Mme. Henriette era uma ave gigantesca a esvoaçar pelo corredor, as asas raspando pelas paredes, as pernas azuladas como as dos perus mas da grossura de troncos – troncos resinosos, ulcerados, de pinheiro. Entrava-lhe pelo quarto em voo rasteiro de morcego, o peito de penugem cor de rola a rasar-lhe o rosto que ela protegia com o lençol ponteadado. Sonhos... Havia de consultar o livro dos sonhos: “Aves: significado duvidoso. Bom sinal se estão a cantar. Se se trata de ave de bela plumagem...”

E frio, cada vez o frio apertava mais. Dobrada em duas, a cabeça enterrada na traveseira de moinha, era ela própria um pássaro, a equilibrar-se na ponta da cama e decapitada, como o soldado do comboio.

Lourenço? Teve a impressão de que viera vê-la. Subiu a escadaria de pedra do hotel, muito teso, o cabelo enovelado com o vento, gestos desenvoltos. Sentada junto do fogão do “hall”, Dora a imaginar: “O filho (ou neto?) de Mme. Henriette.” Pouco depois, esta aparecia de braço dado com o moço.

– Vá mostrar-lhe a praia, menino. Não é mais confortável a esplanada do café do que estes pátios? Contra mim falo, mas isto é como aquele castelo inglês onde habitava o fantasma: gelado, e sem que nenhum lume o aqueça. – Vinha da cozinha, de avental à cinta e mangas arregaçadas, e as faces afogueadas desdiziam-lhe as palavras.

Lourenço era o dono do café em frente ao mar, e do quiosque, e do bilhar. “As únicas distrações desta terra, sabe? No verão há cinema aos sábados na sede dos bombeiros. No inverno, nada.” Um bangaló de madeira sobre estacas enterradas na areia. Pelo Natal, as ondas galgavam o molhe, mas nunca tinham subido mais alto que a paliçada. Lourenço sentou-se com ela a uma mesa, descontraído, como se acompanhasse uma convidada. “Não, a primeira vez não paga. Tradição da casa.” Da chuva, nem rasto. Do céu esbranquiçado coava-se um solzinho tépido. As nuvens sombrias da véspera – afirmava Lourenço – dispersara-as o nordeste. Conversaram: do estado do tempo, da terra, da pouca afluência de banhistas, mesmo durante o verão, e na maior parte estrangeiros.

– Sítio sossegado todo o ano, mas, depois de Setembro, deserto. Nem sei como se lembrou de vir até cá...

Dora não respondeu. Apreciava-lhe a pele lisa, tostada, os olhos lustrosos, cor de azeite, o sorriso mole. Lourenço levantou-se:

– Nunca daqui saí senão duas vezes: para ir estudar num colégio e para a guerra da África.

O café servido como numa casa particular, em cafeteira. Ele perguntou se queria mais. E, então, muito sério:

– Uma coisa lhe peço, é que não me fale da guerra. Prometi a mim mesmo esquecer. Para sempre. Se acaso ainda me vem no sono, choro como um menino, acredita?

De resto podia perguntar-lhe o que quisesse. De modo geral as pessoas gostavam de lhe fazer perguntas: se tinha nascido ali, se vivia no bangaló do café, como se governava no inverno.

Ela só quis saber se Mme. Henriette era sua parente.

Contrariamente à curiosidade sem rebuscos de Lourenço – “Está sempre a ler... Que modo de vida é o seu?” – Mme. Henriette não lhe perguntava nada. Na realidade mal se viam de manhã à noite. A velha senhora parecia simplesmente contente por ter uma hóspeda, tratando-a o melhor possível, duplicando-lhe os cobertores, não esquecendo o saco de água quente na cama, servindo-lhe pitéus por ela cozinhados. Dora até se convencia de que a hoteleira a instalara ao fim do corredor para a isolar. Mandara colocar uma mesinha no quarto: para Dora não ter de deslocar-se à sala de

jantar que ficava na outra ala do edifício. O hotel era um palacete, com dois torreões. E como não havia mais hóspedes, tão carregado o silêncio, tão despovoadas as passagens e os átrios, que Dora principou a desconfiar, arrepiada, de que morava sozinha no Grande Hotel do Parque.

Talvez por essa razão, ou por ter conhecido Lourenço através de Mme. Henriette, lhe veio à ideia convidá-lo para ir até lá ao serão.

– Não sei o que a madame faz à noite, mas suponho que não se deitará muito cedo.

Ele riu-se. Mme. Henriette era uma noctívaga. Ouvia rádio, jogava cartas. Televisão, não, estragava-lhe a vista. “Joga cartas com quem?” “Ora, comigo... Também gosta de fazer paciências.” “Quer dizer que você vai todas as noites ao hotel?” Claro que ia. Mme. Henriette vivia no pavilhão das traseiras. Nunca a convidara por entender que uma pessoa que procurara um lugar assim ermo, em Novembro, devia sem dúvida preferir a solidão. Por delicadeza. Para não estorvar as suas reflexões, quem sabe mesmo os seus desgostos? Fitava-a. “Mas eu não tenho nenhum desgosto. Acha-me triste?” Triste, não, mas um pouco metida consigo, não é?

E à hora da ceia Mme. Henriette mandou recado por Ermelinda: esperava a sua hóspeda para tomar café com ela no anexo.

Cem anos poderiam passar e ainda Dora havia de recordar a aventura dessa noite. Voltara a chover. Uma chuva pesada e gélida. Vestindo um vestido de lã e agasalhando-se no xaile de merino que fora da mãe,

desceu a escadaria do hotel e seguiu a alameda do parque que supunha ir dar ao pavilhão. Até aí jamais reparara na tenda arredondada, com telhado de vidro, semelhante a uma estufa. Julgara tratar-se de um jardim de inverno abandonado e não tinha ido verificar. Agora, na escuridão, não conseguia localizá-la. Experimentou carreiros quase intransitáveis, tornou para trás, contornou a casa, caminhou rente ao bosque, foi de encontro a muros e a sebes, disse mal da vida por estar tão cerrado, por a madame não mandar Ermelinda com um candeeiro... Além disso, que estranho não se verem janelas iluminadas nem se ouvirem vozes! Tropeçava. Escorregava. Os pés nem os sentia, de molhados e entorpecidos. As varetas do guarda-chuva prendiam-se-lhe a arbustos, a trepadeiras esgalladas. Um parque selvagem – tinha a certeza de que abrigava cobras. Principiou a ficar assustada. A ventania arrancava-lhe o xaile dos ombros; desgrenhava-lhe os cabelos. Chamou: “Lourenço!” Arrependeu-se logo. Devia era chamar por Mme. Henriette ou por Ermelinda. Desistiu, finalmente. De regresso ao quarto, nervosa, enxovalhada, encharcada, perguntava a si mesma que iria dizer Mme. Henriette no dia seguinte. A saída era que ninguém tocasse no assunto por tudo aquilo não ter passado de uma alucinação.

– Alucinação? – Lourenço ria o seu riso flácido. – Perdeu-se, foi o que foi. Esperámos por si até depois da meia-noite. – Virou costas. Foi buscar o jornal da ante-véspera. – Aqui as notícias chegam com dois dias de atraso... Olhe, outra vez o céu a abrir!

Dora cogitava: o rapaz mentiria? Certo que tinha dificuldade em se orientar, fosse onde fosse, quanto mais de noite. Naquela manhã, porém, a primeira coisa que fizera fora procurar o anexo – e que fácil! Rompera por ali dentro sem pedir licença, indo encontrar Mme. Henriette a tomar o pequeno-almoço na saleta: “Meu Deus, que lhe aconteceu ontem? Sabe que fiquei preocupada?” Tão espontâneos, tão sinceros os seus modos que Dora, com vergonha de confessar a verdade, se desculpou com uma dor de cabeça.

– Não conte à Mme., mas andei bem meia hora à procura desse maldito pavilhão.

Encarrapitado num banco, Lourenço espanava as prateleiras, tirando garrafa por garrafa, pacotes de cigarros, caixas de bonbons. Ela admirava-lhe o corpo a um tempo sólido e ágil, os cabelos castanhos encaracolados. Quando o moço virou a cabeça para a olhar, um raio de sol atravessou-lhe os olhos e cegou-o. Foi pois de olhos vendados, como nos filmes de espionagem, que ela o ouviu dizer lá de cima:

– Não se rale. Para a próxima sou eu quem a vai acompanhar.

Lourenço não se conformava com o desinteresse de Dora a seu respeito: “Engraçado! Você é a única pessoa que não quer saber nada de mim. Toda a gente se espanta de eu viver aqui sozinho, na minha idade ...” Falou dos fios da infância que o prendiam ao hotel. Que casa! Salões doirados para casamentos, para festas de fim-de-ano. O melhor do concelho, antes do incêndio. No inverno costumava brincar com o filho do guarda da mata nos compridos corredores, de quarto para

quarto: “Os sustos que lá apanhei! Ele era mais velho que eu um ano ou dois, apagava as luzes, saía de repente de uma porta: ô-ôô... e eu aos berros, como se visse uma alma do outro mundo. O quarto por cima do que você ocupa foi onde o meu pai morreu. Tinha há pouco mandado construir o pavilhão para lá viver com Mme. Henriette. E no dia do enterro estalou uma tempestade tão forte que o telhado foi pelos ares – baixava a voz. – Logo constou que era do funeral sem padre ...” Um telhado de loiça como o dos templos orientais.

Calou-se, de olhar fixo, vítreo (chorava?). Sacudiu a cabeleira basta e ondulada. O pai. Coitado do pai! Prometera reconquistar-lhe a fazenda que o MPLA lhe havia assaltado nos Dembos. O tio esquartejado lá por esses cães. Prometera. Por isso se atirara a eles com quantas ganas tinha... – Ergueu-se de um salto. Encarou-a:

– Para que estou a falar nisto, para quê?

– Essa agora... Falou porque quis. Alguém lhe fez perguntas?

Serenou. Tinha razão, ela. Mas aquilo não o largava. Já lá iam perto de três anos e ainda sonhava com a guerra. Uma vez uma mina explodiu no mato à sua frente. Por um triz não o atingiu. Três camaradas pulverizados, simplesmente pulverizados: a quem tinham pertencido aquelas divisas? aquela medalha? as unhas? os dentes? Horrível! E, já no fim, o ataque aos musseques! “A pretalhada a debandar das cubatas como macacos, aos guinchos...” Noites lindas: que lua! E o cheiro a podre dos cadáveres.

A luz ia desmaiando. Pelas cinco horas o horizonte era uma ardósia onde, cercada de nevoeiro, se desenhava

a Estrela da Tarde. Dora sentiu uma espécie de medo de Lourenço, medo ou aversão, não distinguia bem.

– Vou descer. Vou dar um passeio pelas dunas antes que escureça.

Lourenço não respondeu. Dora ouvia-o falar sozinho na “kitchinette”.

Foi nesse dia ou no seguinte que ela estranhou uns ruídos na varanda do quarto? Como quem tentasse abrir as janelas por fora, forçar os ferrolhos. Tinha lido umas páginas e já deslizava entre os lençóis, ensonada. O clima marítimo provocava-lhe um certo quebranto e, ao invés dos seus hábitos, adormecia cedo, pelas onze horas. Soergueu-se, no entanto, à escuta. Novos estalidos. “Quem está aí?” Silêncio. Deitou-se então para o lado direito, caiu no sono, acordou com Ermelinda a trazer-lhe o pequeno-almoço.

Uma manhã alegre e morna. Pensou: “Se o mar não estiver bravo, vou tomar banho.” Lourenço, de camisola e “shorts”, esperava por ela ao portão do hotel.

– Magnífico, hé! Um dia de verão!

Encaminharam-se para a praia a passo lento. Banho de mar? Não, isso não. Maré cheia. Que aquele mar nem no calor era bom para nadar; um leão a rugir, a atirar-se, furioso, contra a costa o ano inteiro. Ele, que se gabava de nadar como um peixe, já uma ocasião ia sendo enrolado.

A água tinha tomado conta de metade do areal, e a outra metade trilhadinha dos pés das gaivotas. Lourenço estivera ali antemanhã a ver passar um barco enorme – um petroleiro parece que russo, diabos o levassem. Ah, como gostava de ver embarcações assim, e cruzadores, transatlânticos! A vontade que lhe davam de partir não

sabia para onde... Que a memória da única viagem que fizera por mar era terrível: um porão abafado e fedorento, atravancado de armas e munições, até Luanda... E daí a bocado:

– Que eu ontem dormi no hotel. No quarto por cima do seu.

Dora não lhe deu troco. Esse rapaz – difícil de explicar – mas era como se não pertencesse àquela paisagem. Como se estivesse ali à força. Mme. Henriette, essa, sim, não podia ser doutro lugar. Mau grado o nome estrangeiro, ou até por isso mesmo, era a alma dessa retirada praia. Mme. Henriette, a avenida dos cedros, o desmantelado casarão, a redoma, que ela habitava na orla do bosque. E, todavia, Lourenço presente, vivo, belo, intrometido. E Mme. Henriette tão gasta e inalcançável. Acaso inventara Lourenço para povoar o sítio, para acompanhar, guardar (quem sabe?) a ela, Dora? Que Lourenço só tinha existência enquanto houvesse hóspedes no Grande Hotel do Parque.

Estenderam-se em cadeiras de lona, lado a lado, na esplanada. E Lourenço, que se espreguiçava abrindo muito a boca e esticando as pernas, tal um gato:

– Dormi, é como quem diz... Contei as horas todas do relógio da torre.

Por essas palavras Dora concluiu que fora ele quem lhe rondara o alpendre. Aqueles ruídos... Porque não batera na vidraça com os nós dos dedos: “Está acordada? Posso entrar para fumar um cigarro consigo?” Melhor assim. Não lhe apetecia a visita de Lourenço. E, irreflectidamente, perguntou-lhe:

– Zangou-se com a madame?

Ele olhou-a de esguelha:

– Homessa! Não costumo ficar no pavilhão. Durmo aqui, num quartinho ali atrás.

Mme. Henriette bem queria que ele lá ficasse. Sentia-se muito só. E agora com ladrões por toda a parte... Mas optara pela independência. Também que havia que roubar no hotel? Nem galinhas... A pobre da senhora aplicara ali o seu pé-de-meia mandando reconstruir o primeiro andar, e aquilo não dava. Sabia até que empenhara ultimamente os melhores lençóis. – Suspirou. – Se ao menos ele pudesse ajudar! “Mas olhe este café, por exemplo. Já cá viu entrar alguém da terra? Vêm pescar à linha no Penedo Grande, trazem o almoço no balaio, vão tomar o café lá abaixo à taberna do Cosme. Não gostam de mim. Detestam-me. E porquê? Porque eu digo alto o que penso. Veio o 25 de Abril – continuo a dizê-lo.” – Passeava de um lado para o outro. – Os pides. Afinal que estavam os pides a fazer em Angola? Porque não deram a eito naqueles diabos quando tudo começou? E ainda acusavam os colonos! Se Portugal tivesse tido uma polícia a valer...

– Como a Gestapo, não?

– ... Se esses pides fossem bem duros, em lugar de andarem a esfregar-se nas pretas... Ainda hoje a gente estava, lá.

– E se mudássemos de conversa?

Ele, num sussuro: pronto!... Não falaria mais. Nem tinha interesse nisso. Para o chatear bastavam-lhe as noites. (Um cordeirinho. Os ombros curvados, o queixo pousado no peito, a lã crespa da marrafa.) Se ela soubesse... Nunca ouvira dizer que os socialistas e o Cunhal tinham vendido Angola aos russos?

Deu meia volta, direito à cozinha. Ao surgir com a

bandeja do café aparentava mais dez anos. Dora achou-o extremamente parecido com o pai no retrato do “hall”: olhos penetrantes, enterrados nas órbitas, beijo descaído e amargo. “Tirado na véspera de se suicidar” – informara Ermelinda.

Daí a bocado Lourenço assentou a mão na testa: um recado de Mme, Henriette, e já se esquecia – o serão!

– Ermelinda vai buscá-la para não se perder como daquela vez – sorria o seu sorriso frouxo, um tanto oblíquo. – Eu não estou. Preciso de ir à vila esta noite.

“Mme. Henriette” porque emigrara para Inglaterra, trinta anos antes. “Resolvi inventar um nome francês. Que era um português no estrangeiro nesse tempo? Alguém das bandas de Espanha, meio árabe, meio bárbaro ...” Na primeira família em Brighton, para onde fora contratada como criada-de-sala, nem o nome lhe perguntaram: “É Maria, não é? Vocês lá são todas Marias.” Alguns meses depois punha um anúncio no “Times”: “Senhora: com educação francesa”, e ia como governanta para uma “farm” no País de Gales. Lady Hamilton falava francês, e ela, Maria Henriqueta Pires Salvado (filha de pequenos burgueses e viúva de um amanuense) disse que tinha sido educada num colégio em Paris. “A minha madrasta era francesa. Trouxe-a meu pai da Guerra de 18”. Outra consideração, não restava dúvida. Certo que se sujeitara a muito, até a mungir as vacas, até à colheita do lúpulo, trabalho custoso, de homem, e a arrancar batatas, o cano das botas a cortar-lhe a barriga das pernas. A Segunda Guerra Mundial devastara o sector masculino e as mulheres ajeitavam-se a tudo. A própria Lady Hamilton

cavava, semeava, mondava um canteiro na horta; também por desporto, para manter a linha. Mas passou a receber lições da professora da filha adoptiva dos fidalgos e aprendeu inglês.

Na casa de Brighton, uma portuguesa que em tempos servira os pais de Mme. Henriette (as voltas que o mundo dá!) é que a recomendara para criada de sala. Cozinheira, vivia lá há uma dezena de anos e falava a língua como se fosse inglesa, sem saber escrever. Propôs-lhe: “Se me ensinares dou-te o meu broche de oiro.” Pois não ensinou, que era muito difícil, embora lhe aceitasse o broche à mesma por uma dúzia de frases indispensáveis que lhe fez decorar. E vingando-se talvez de ter sido subalterna na casa dela, a toda a hora a dar-lhe ordens, a recriminá-la. Bem dizia o ditado: “Não sirvas a quem serviu nem peças a quem pediu.”

– Olhe, das portuguesas que encontrei nesse país nenhuma foi boa para mim. Eu não era propriamente do povo, como as demais emigrantes, raras à data, nem tão-pouco rica. Uma espécie de mestiça, desdenhada de ambas as partes.

Levara recomendação para umas meninas-bem que cursavam enfermagem. Usava-se na alta sociedade de então mandar as filhas frequentar um curso desses em Inglaterra. Por luxo. Por snobismo. Pois não lhe ligaram. Via-as na igreja católica, fardadas como de freira, touca engomada, capa cinzenta, vinham da mesa da comunhão muito recolhidas, muito distintas, cruzavam-se com ela no adro, não a conheciam.

No castelo de Lady Hamilton aprendeu de tudo e tanto que, decorridos dois anos, se considerou capaz de dirigir um pequeno hotel. E fê-lo. Numas termas em

Bath. Mais tarde, um lar de estudantes em Londres.

Um longo serão. Comovente a história de resolução e persistência de Mme. Henriette. Quantos anos tinha? Já não era muito nova. Baixou a cabeça. E tudo por causa de uma filha que criara com muito mimo. Deixara-a com os avós e visitava-a uma vez por ano. Tirou uma licenciatura, a filha, casou-se com um homem de posição, e cortou com a mãe no dia em que esta se ligou ao pai de Lourenço.

Duas horas da manhã. Despediram-se. E inesperadamente Dora teve receio de não atinar com o quarto. De andar toda a noite perdida pelo parque na escuridão. Ermelinda há muito se deitara. Como ia dizer? Já à porta, com a lâmpada de mão assestada para o carreiro, Mme. Henriette perguntou, perante a indecisão da hóspeda:

– Falta-lhe alguma coisa?

– Não. Mas não terá a senhora um quarto aqui para mim esta noite?

– Ah! Eu empresto-lhe a lanterna.

– Mesmo assim... É que é tão solitário lá no hotel. Só hoje, por ser tarde. Só hoje... Pode ser?

Então não podia? Fizeram a cama na alcova da sala. Mme. Henriette emprestou-lhe uma camisa de noite. Mas foram-se escoando os minutos, as horas, e Dora sem conseguir adormecer. Os ventos entoavam no tecto envidraçado uma música estridente e lúgubre. Pela madrugada a chuva juntou-se-lhes. Com tal barulho, Dora, se chamasse, talvez nem ouvisse a própria voz. Igual à noite desnorçada no parque. A bem dizer, era como se errasse outra vez no meio da ramaria. E frio. Só uma manta na cama. Têria Mme. Henriette empenhado

também os cobertores? Adormeceu, por fim, enrolada no xaile, e, mal o sol luziu – um solinho morno e branco –, vestiu-se atrapalhadamente e saiu pé ante pé. Cá fora, o bosque verde de humidade e arroxeadado pela névoa sob a melindrosa luz do amanhecer. O granito da escadaria todo azul. Trémula, enternecida diante daquela surpreendente, impulsiva beleza, abriu a porta do vestíbulo e abafou uma exclamação: enroscado numa velha poltrona, Lourenço dormia.

Chovia agora todos os dias, com escambros de céu enevoadado, fosco. Lourenço improvisou uma braseira no bangaló. O mar, irado, a espumar. Café para dois na salinha. O cheiro dos sargaços. Prolongados silêncios.

Dora ponderava: “Deve andar admirado de eu não me ir embora. E se adivinhasse... se adivinhasse que continuo aqui só para lhe decifrar o mistério: o dele, o de Mme. Henriette, do pai, do hotel, do desprezo a que a aldeia os votou.” Um capricho de isolamento a trouxera até ali, outro capricho: demorar-se. “Como dependemos dos outros, afinal!”

Sucediam-se os serões no pavilhão, todo o tempo entretidos por Mme. Henriette que, de quando em quando, aludia a Lourenço, na ausência deste: uma apoquentação para ela, o moço. Com vinte e sete anos e nenhum futuro. Por via das ideias que se lhe meteram na cabeça todos embirravam com ele. A seguir ao 25 de Abril, assim que voltara de Angola – inclinava-se para a frente, baixava a voz – se o não escondesse bem escondido, eram capazes de o linchar.

Outras ocasiões, em vez de soltar queixas, Mme. Henriette envaidecia-se do moço: Lourenço era o seu amparo, o seu anjo bom. Como se afligia se a via em

aflições! Que seria dela sem ele? “Pouca sorte... Se Portugal tivesse ganho em África, era hoje um herói, digo-lhe eu. Chegou a ser condecorado. Acabou o serviço militar obrigatório e ainda se ofereceu como voluntário.” Um patriota. O corpo cheio de cicatrizes.

– Cicatrizes?

Sim. E o desarranjo dos nervos? Uma vítima. A princípio só dormia de pistola debaixo da almofada – Mme. Henriette descarregava-lha sorratamente logo que ele adormecia. Alta noite, porém, naquela pobre cabeça, que batalha! E só falava em matar... “Ele que não entra na cozinha se Ermelinda está a cortar o pescoço a um frango!”

Lourenço assomava, encolhido no camisolão. Que frio lá fora! Perguntava se ainda havia café. Recostava-se num maple. Mme. Henriette desconversava:

– Recorda-se, menino no dia em que aqui cheguei?

Há dezoito, há vinte anos? Um homem e uma criança em completo abandono num casaréu em escombros. Fizeram-se obras. Puseram-se anúncios nos jornais da capital: “Fala-se francês e inglês.” Começaram a acudir turistas, gente de toda a parte. A primavera a despontar e eles a enviarem telegramas: “Reserve quarto”.

Certo dia Dora atreveu-se a perguntar

– E agora?

Descendo as pálpebras, como se atacada por imensa fadiga, um crivo de rugas em torno dos olhos, Mme. Henriette fez um gesto que exprimia o desfecho de tudo.

... Ah, a sua vida em Inglaterra há trinta anos! A quinta de Lady Hamilton perto de Cardiff. O cheiro a carvão no ar molhado. Um dia Lady Hamilton pediu-lhe que, quando fosse à cidade, lhe trouxesse “lights”

para os cães. Ela dirigiu-se ao talho, comprou os bofes, guardou-os num saco, veio todo o caminho a pingar sangue. Subia e descia autocarros, entrava em lojas, parava a ver as montras. Reparou que as pessoas a olhavam com um ar esquisito. Uma senhora idosa tocou-lhe no braço: “Está doente? Não será melhor chamar uma ambulância?”

Sorria abanando a cabeça. Ficara-lhe aquilo como um símbolo da sua dolorosa romagem por essas terras, uma via-sacra...

Ao recolher ao hospital, em Londres, com uma surmenage – trabalhava de mais e não dormia – reconhecera, enfim, as suas conterrâneas. A desgraça, a doença a irmaná-las. Nas veias a raça humilde a latejar. A mesma fala de dor e compaixão. Mãos que se estendiam, se apertavam, se erguiam, apiedadas: “Que tem aquela?” – “Melancolia; desfaz-se em lágrimas.” Amália: a melhor costureira de um pronto-a-vestir, a mais perfeita. “Despachar, despachar!” exigia a vigilante que se exprimia em italiano. Picava os dedos, sujava o vestido-de-noiva, sofria uma multa. “Despachar!” Rolava-lhe o dedal, as tesouras caíam-lhe do colo, fincavam-se no soalho, deixavam lá o bico de aço. As tesouras... Como se fossem de vidro! Deus do Céu, que perseguição era aquela? Enervava-se mais. Cosia e descosia. Prometia a fêria da semana a Santo António – entregava-lha toda na igreja católica, na caixa onde dizia “pão dos pobres” em quatro línguas. Já não tinha dinheiro para pagar o quarto, para comer. Certo dia, após mais uma multa na fábrica, os braços tombaram-lhe, encostou a cabeça à parede, desatou a chorar; e nunca mais cessou de chorar.

A moça nortenha a servir numa família londrina sem saber uma palavra de inglês. A patroa não a entendia nem se fazia entender, desesperava-se, berrava-lhe, despediu-a. E a coitadinha, sem qualquer conhecimento na grande cidade, endoideceu no meio da rua. Pousou a mala no passeio, diante da passagem dos peões, e não atravessou. Um dia inteiro ali, de olhar parado, empurrada pela multidão, ao frio, o juízo nas trevas. O polícia de trânsito foi quem atentou nela e a levou à casa de saúde.

– Quando me deram alta ainda a infeliz não se lembrava do nome. Tinha vinte e dois anos.

– Foi por causa do 25 de Abril que os estrangeiros deixaram de vir para o hotel?

– Não, já antes.

Lourenço falava em surdina, como se alguém os pudesse escutar no bangaló vazio. Fora por se ter alugado o quarto onde o pai morrera. Mr. Comb, um “habitué” da casa, insistira: “A senhora não aluga o quarto 8, porquê? Pois este ano quem vai para lá sou eu.” Mme. Henriette pretextando que não estava em condições. O inglês quis vê-lo. Ora, muito bom, e que vistas! Teimou em ficar. No dia seguinte amanhecia morto.

– O médico desconfiou de crime, exigiu autópsia. Eu próprio fui detido para averiguações. Os hóspedes interrogados um por um. Entretanto, gente da aldeia a vociferar ao portão que a casa era maldita. E Mme. Henriette, histérica, aos gritos, que a culpa fora dela, que nunca devia ter alugado o quarto 8.

Presentemente estava ele a habitar o quarto sinistro, bem contra vontade da madame. Uma provocação ao

seu próprio sangue-frio. Jamais ninguém ali dormira senão o pai. (A mãe? Ah, a mãe não a conhecera. Morrera ao deitá-lo ao mundo.) E nada lhe acontecera até aí. No entanto, havia noites em que não conseguia descansar. Como se fosse escuro lá fora e claro, brutalmente claro, dentro do quarto. Não sabia dizer... Uma luz que, em lugar de revelar as coisas, as apagava. Desapareciam as paredes, o perfil dos móveis. Insuportável. Chegava a ir dormir para os cadeirões do vestíbulo. Certa vez até estivera para ir ter com ela.

– Sim? Para quê?

– Olhe, não aguentava... E queria saber de si, se estava bem.

Na noite em que Mr. Comb aparecera morto, todos os hóspedes haviam pressentido algo de extraordinário.

– Ora, eu nunca dei por nada.

Aproximando mais o rosto do dela, prosseguiu:

– Além do mais, a casa é um gelo, cheia de correntes de ar. Como, o segundo andar aluiu e a parte de trás está destelhada...

Enquanto, o escutava Dora perguntava a si própria se o rapaz não desejaria amedrontá-la, se não queria mesmo vê-la pelas costas. Abrindo então o livro que trazia consigo, anunciou:

– Sabe? Gosto do sítio. Tenciono ficar mais uma semana.

A bebericar café, Lourenço ia falando com os seus botões: “Uma semana... Ainda tenho tempo para lhe descobrir o enigma. Mulher que vem para este desterro sozinha, no inverno quase, se instala num hotel suspeito, não recebe correspondência, não vai sequer à vila, tem forçosamente alguma coisa a esconder, algum desgosto?”

Enxotava uma ideia que o perseguia. De qualquer forma, conhecê-la antes que... Perguntas não lhe fazia ela – melhor fizesse! Que Ermelinda, essa era um túmulo. Havia, contudo, a gente da aldeia, o ódio, a bisbilhotice da gente da aldeia... E se fosse bater-lhe à porta do quarto essa noite? “Para possuir a alma de uma mulher é tomar-lhe o corpo” – onde lera isto? – e, com mistério ou sem ele, não era nada para se deitar fora. Vira-lhe as pernas na praia, os seios miudinhos...

Desviando o olhar da leitura, Dora comentou:

– Você está pensativo, Lourenço?

– Bem, talvez não acredite, mas estava a cismar na sua coragem. Aqui, sozinha, jeitosa, mergulhada nos livros, talvez com problemas...

Ela soltou uma gargalhada.

– Porque se ri?

A escadinha de bordo gemeu, como se sob um grande peso. Ambos se viraram, rápidos. Deparou-se-lhes Mme. Henriette a arquejar:

– Lourenço, menino, vem ao hotel, já! Está lá aquele senhor que telefonou no sábado. É urgente. Diz que é muito urgente.

– Ontem não a vi de tarde. Aonde foi?

– Então sou obrigada a prestar-lhe contas dos passos que dou?

– “Obrigada”, não. – Lourenço sorria, velhaco, a estender a toalha na mesa. Vinha da praia um cheiro a pinho queimado, e os carvões crepitavam na braseira. – Mas será que se pode saber?

Mais uma noite. Dora ouviu as passadas de Lourenço no sobrado por cima e ouviu-o também sair do quarto

pela uma da manhã. Ainda não pregara olhos e imaginou: “Vai dormir para o “hall”... “ O tal fenómeno luminoso seria verdade ou apenas mais uma das suas absurdas histórias?

O certo, porém, é que ele não parava lá... Sobressaltou-se – que era isso agora? Chamavam pelo seu nome, baixinho: “Dora!” Lourenço? Sim, era ele: “Dora!” Que confiança aquela? Impulsivamente, aninhou-se entre os lençóis, tapando a cabeça. Debaixo das mantas reflectia: “Cobarde – é o que eu sou!... Podia ao menos perguntar-lhe o que quer.” E também: “Se não estivesse a par de tudo, se aquilo acontecesse na véspera, por exemplo, respondia-lhe? Mandava-o entrar? Não. Uma instintiva repugnância desde o primeiro momento. O que nele havia de falso, de intruso... Como se a presença do homem lhe estragasse a aventura das férias num hotel fantástico, em praia remota, na estação morta. Lourenço chamou mais três vezes, alto, cada vez mais alto: a voz ecoava pelo corredor: “Do-o-ora!”

Quando finalmente se afastou, num repelão, a atirar com as portas, Dora pôs-se a recordar ponto por ponto uma conversa que tivera com o faroleiro.

O pai de Lourenço suicidara-se uns seis anos atrás. O motivo que o levara a isso só ele e Deus o sabiam. Seu pai, o antigo faroleiro, amigo do senhor Leonardo, afirmava que o velho caíra em desgraça por ter revelado um segredo da Sociedade Secreta a que pertencera. Que o hotel fora mesmo outrora uma loja de maçonaria. Outros contavam embrulhadas, dívidas, bancarrota. Ele ainda conhecera a mulher do senhor Leonardo que morrera afogada na bacia do lavatório: “Algum ar ruim quando estava a lavar a cara poucos dias depois do parto;

caiu de bruços; sufocou.” E, uma noite, o hotel em chamas. (Desastres a mais... Igual a um romance de folhetim.)

– E Mme. Henriette? Como aparecera ali Mme. Henriette?

Isso não sabia. Ninguém sabia. Aparecera, pronto. De meia idade, mas bonita, um mulherão. Com o dinheiro dela reconstruíram o primeiro andar que lá estava em pé. No entanto, o pavilhão, que o senhor Leonardo mandou erguer ao fundo do parque, acabado o telhado (rica telha, de porcelana!), um tornado a varrê-lo. Nessa noite o senhor Leonardo disparou o revólver no coração. “Dizem que o vendaval veio depois de ele ter posto fim à vida, mas não, foi antes. Estou como meu pai: o desgraçado percebeu que não podia ter sossego neste mundo ...”

Fez uma pausa. Acendeu um cigarro.

– Já reparou no diospireiro logo à entrada do jardim, derreado sobre o muro? Pois foi aí que vi pela última vez o senhor Leonardo, a apanhar diospiros. Pelos Santos. Os ramos a vergar. Este ano carregou pouco. “Queres, Joaquim? Apara com o boné!”

Diospiros grandes, vermelhos, que desabavam, rebentavam no caminho, eram chagas abertas.

– Durante muito tempo não me atrevia a olhar para a fruta, se ia para aqueles lados. Vinha-me à ideia, salvo seja, o coração despedaçado do senhor Leonardo.

Fazenda em África? Tinha tido, sim, mas estoirado. Um homem falido. Quanto ao filho, bem, esse dera mesmo em droga. Negócios sujos, segundo uns; segundo outros, ainda pior. Más línguas à mistura. Verdade que ele se sumia de repente, abalava ninguém futurava para

onde, voltava com dinheiro: nas alturas em que a casa estava à beira de alguma penhora. E comprava um carro, e jogava no casino da Figueira.

– O carro desapareceu o mês passado. Tenho-o visto ir à vila na motorizada. Mas o povo já anda a murmurar de uns sujeitos que rondam por aí...

E assim se fora o hotel por água abaixo. Que de hotel nunca tivera muito. Fantasias de Mme. Henriette, pelos vistos. E a Lourenço devia interessar-lhe por outras razões. Um ninho de corvos – o palacete; constava até que a alma do senhor Leonardo... Crendices. Boa criatura, o senhor Leonardo, só que malfadado. Desses que nascem com má sorte, como se nasce cego ou coxo. O pai é que ligava a desdita dele à confissão do tal segredo lá dos maçónicos.

– Estou a perguntar-lhe por onde andou ontem à tarde.

– Fui à aldeia, ao farol, conversei com algumas pessoas. Lourenço, que segurava o tabuleiro do café, estacou:

– Para quê? Que pessoas?

Dora viu-o estremecer e corar.

– Descanse, não fui fazer nenhum inquérito a seu respeito.

– Foi, sim, foi! Eu já esperava isso! Agora pode-se ir embora. Já sabe tudo, não é? Vá-se embora, vá! Desande! (os braços estendidos num esconjuro: os olhos dois buracos viscosos, a boca torcida do retrato do vestíbulo). – Que eu sou um escroque, não? Que matei um gajo em Angola? Que meu pai tinha o diabo no corpo? Que Mme. Henriette... se calhar rompeu aqui

do chão, como a salsa que dá azar se pega de estaca... Morreram os meninos nascidos nesse ano... – ria um riso convulso, a cabeça atirada para trás, os ombros a tremer. – Que Mme. Henriette e eu... Mme. Henriette e eu... Vá, diga, desembuche! Ou desapareça! Já!

Dora ainda hoje não sabe o que a seguir aconteceu. Lembra-se das corridas no quarto, a fazer a mala atabalhoadamente, como se estivesse muito apressada. De Mme. Henriette não se despediu: adoecera subitamente. Não tornou a ver Lourenço, mas talvez fosse ele quem lhe pôs a mala na estação. Não se recorda de a carregar. O que tem bem presente é a espera interminável; horas e horas sentada nas tabuinhas de um banco, enregelada. Gatas com cio gemiam como crianças doentes nas traves do barracão e pelos canteiros de hortênsias podadas e girassóis murchos. E folhas pálidas, pardas, cor do pó, num redemoinho a seus pés. Donde vinham tantas folhas? Depois, noite fechada. Comboios que não paravam – aquilo seria mesmo uma estação ou um apeadeiro? Máquinas rangentes de ferros chispando lume, monstros de olho vermelho, comboios sem janelas nem luz, sonâmbulos, aos bordos, outros um risco de prata voando com o vento. Uma dor nos rins a moê-la. Nas redondezas, uma música metálica: a banda dos bombeiros a ensaiar? Meditava: aquilo até dava um conto, mas dos horríveis. Coisa assim! Bem no íntimo, alguma simpatia por Mme. Henriette, alguma pena. Santo Deus! A quem havia de indicar o Grande Hotel do Parque para uns dias de repouso na praia?

André Ricardo Aguiar

*Pequenos terremotos*

**André Ricardo Aguiar**, nasceu em 1969, em Itabaiana, Paraíba, Brasil. Actualmente mora em João Pessoa, Paraíba. Formado em Letras, é editor do Jornal *Olho D'água*, suplemento cultural de literatura e artes.

Tem publicados dois livros de poemas: *A Flor em Construção* (1992), *Alvenaria* (1997) e um livro infantil, *O Rato que Roeu o Rei* (2000). O conto que publicamos neste número, e que é a primeira obra de ficção que publica, foi-nos enviado como proposta de colaboração.

“A casa começou a balançar  
e eu sentia por baixo dela como uma coisa chamando...”

(*Mare Tenebrarum*, Bráulio Tavares)

Ninguém poderia dar um pio nestas horas, acontecia por volta das cinco e quinze – mas já houve insinuações entre vários horários. Eu, Pedro e Irene – irmãos – Lucília e Juvino – pais – e um gato dentro desta casa onde porventura aconteciam pequenos terremotos. A casa estala, ninguém duvida.

Sentávamos, uma mesa interposta entre a conversa, Irene grávida de dois meses esmagada sob o olhar de papai, nossos movimentos autômatos, passar a torrada, derramar o café, afastar o gato, enquanto os ouvidos trabalhavam inconscientemente sentindo o frêmito esperado de uma parede, quem sabe começando nos fundos da casa o germe do abalo, ainda que de normal o vizinho na sua varanda – de onde o observávamos, surdo ao perigo e alienado, o vizinho com o olhar na fronteira do muro: o tremor era restrito ao número 157: nossa casa.

Quem diria que no começo papai achou algo estranho, os quadros tremiam no verão durante alguns segundos, um bom observador notaria uma rachadura ali na torneira da pia, uma fenda desenhando um traçado atrás do cano, dobrando o batente e indo se alojar no quarto, atrás do guarda-roupa, atordoada cicatriz. E entre risos nervosos – os primeiros sintomas internos em nós – achávamos que a casa parecia estar invadida. Literalmente. Talvez um comício de fantasmas.

No início, o absurdo se alojava nas explicações: o atraso no pagamento da água, a poluição sonora do bairro, a notícia da gravidez independente de Irene, coisas em si que acumuladas faziam ressonância no universo e voltariam em eco incomum na forma de pequenos tremores no perímetro de nossa casa.

Depois houve o cerceamento de nossa comunicação. Seria melhor não apenas se ater a poucos movimentos para não agravar a situação. Nosso pai rendeu sacrifício oferecendo a mudez – e que todos ali seguissem o preceito. Pedro inconformado e sentindo-se um desperdício, como se agora o mundo mostrasse em fenômenos desta laia suas leis nada causais. Muitas vezes recebeu um dedo autoritário na cara, e em resposta ia murchar de vez no canto do quarto, enquanto distraidamente jantávamos o silêncio. O costume terrível de olharmos ao mesmo tempo para o ponteiro do relógio, uma previsão autodidata de marcar o início da proteção das louças, peças valiosas, até mesmo segurar o gato. Ao primeiro sinal de um novo terremoto (que eu batizei “de bolso”) corremos e multiplicamos as nossas mãos, aqui um apoio para o vaso, ali a prateleira dos livros, mamãe segurando histérica o felino, as unhas do gato

transidas de terror no seu avental, a cozinha epiléptica, nas despensas trincados de talheres e guinchos de ratos, a cristaleira dançando um fox-trote, eram 5 e 15 da tarde e não há tempo nem para respirar. Segundos depois, o silêncio e um ou outro prato no chão, felizmente *inox*.

Nunca foi costume o gasto com pequenos luxos. Mas face aos terremotos cronometrados, dias depois uns homens reforçaram grades, apoios de tv, vigas, fundações. Eu observava tudo meio atarantado, acariciando o gato no sofá, num gesto casual. Mais pequenos e neurastênicos, os olhos do gato me devolviam uma muda queixa, como esses loucos que por força de não articular uma óbvia verdade, ficam enigmáticos e messiânicos.

A rotina, já pequena por natureza, pouco foi alterada. Nada de banhos à hora marcada, nem programas de auditório na tv ou fazer sala às visitas, nem licor e castelos de cartas. Alguns dias estranhamente os abalos se ausentaram. Ninguém arriscou sequer um palpite, já se planejava até um bridge entre vizinhos, Pedro voltava a ouvir som alto, Irene não tinha mais pesadelos sobre aborto.

Ledo engano. Semanas depois vibraram os bigodes do gato, como um radar.

Pouco antes do amanhecer nossa mãe estava ao liquidificador, passando frutas, o barulho controlado do eletrodoméstico, enquanto Pedro calçava as chinelas, Irene e papai pisavam os últimos degraus do sono, então se juntou à vibração uma outra, mesmo depois o troço continuou, a mãe duvidava se tinha desligado mesmo o aparelho, conferiu a tomada, e de susto viu a cascata de panelas talheres gavetas saírem dos eixos,

indeterminadas, e como uma maré de aproximações o teto e o repique do lustre, difícil não acordar vendo a casa toda troar como um gonzo ou a passagem desgovernada do metrô ou cem soldados sincronizados ou o apocalipse precoce, bem ao longe o miado longínquo do gato entre quedas de armários, Pedro chorando, o pai trêmulo descendo as escadas e na testa um galo, pedaços de reboco e nenhuma solução, o gargarejo do tremor parece atingir o ápice e Irene debaixo da cama que sapateia sob um rio de estilhaços e contas do rosário e é assim como um fluxo e mais alguns segundos até que subitamente pára, (e nos juntamos a um canto da sala sob/sobre uma nuvem de poeira e ecos) mas ainda tremem por dentro todos e isso dura uma eternidade e só o gato, aterrorizado, salta a janela e ganha o telhado e vê o mundo e as andorinhas e outros telhados e um mundo simétrico e em pé como se não houvesse nada e o apocalipse fosse a domicílio.

Era o começo do fim.

Por períodos intermitentes, aconteciam estremecimentos mínimos em pontos isolados da casa, como se a mesma sofresse cócegas cruéis. Às vezes, só no aquário, trincando o vidro. Ou na súbita síncope do sofá. Não arriscávamos a sair de casa. A vizinhança fingia ignorar ou mesmo não sabia, o céu destilava azul e química inorgânica, o horóscopo falhava acertadamente. Papai e mamãe brigavam, sísmicos. Brigas e abalos da terra equiparados espiritualmente. O gato enlouquecera, dois pontos acima da escala de Richter. Vagava de um ponto a outro da casa, o rabo pênsil em duas cores. Procurava uma saída, já que em si mesmo abandonara toda e qualquer clarividência felina.

Por via das dúvidas, o gato foi expulso. Meses depois, quando ecoavam relâmpagos dos pequenos terremotos apenas na memória, éramos pouco menos que uma família: o casamento em ruínas e os filhos traumatizados.

A casa ainda intacta.

© Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa da revista ou dos autores, e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

© dos contos incluídos neste número:

George Perec © Editions du Seuil, 1993; Maria Ondina Braga

© herdeiros da autora; André Ricardo Aguiar © do autor, 2003.

Foram feitos os esforços possíveis para localizar todos os titulares de direitos ainda em vigor. *Ficções* agradece as informações que lhe sejam enviadas sobre eventuais omissões ou erros, que serão corrigidos num próximo número da revista.

### FICÇÕES nº 1 (1º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

### FICÇÕES nº 2 (2º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímír Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

### FICÇÕES nº 3 (1º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzatti | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

### FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímír Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

### FICÇÕES nº 4 (2º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

### FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez

### FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro

### FICÇÕES nº 6 (2º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímír Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

### FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezso Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mario Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para um dos endereços abaixo indicados. O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão online no site *www.ficcoes.net*. A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e morada para contactos.

*Endereço e-mail:* [contos-leitores@ficcoes.net](mailto:contos-leitores@ficcoes.net)

*Endereço postal:* Apartado 23346  
1171-801 Lisboa

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados para:

Tinta Permanente  
Av. Infante D. Henrique, 71  
9500-150 Ponta Delgada

Os pedidos deverão ser acompanhados do respectivo cheque de pagamento.

Poderá também fazer o seu pedido por e-mail, para:  
[assinaturas@ficcoes.net](mailto:assinaturas@ficcoes.net)

Neste caso, deve fazer o seu pagamento através de depósito na conta nº 016001000036065000306 indicando na transferência o nome e a menção “assinatura”.

Assinatura anual (3 números): 24 Euros  
Assinatura 2 anos (6 números): 40 Euros  
Números atrasados (cada): 6 Euros

Neste número da *Ficções* incluímos dois contos de Guy de Maupassant com uma particularidade curiosa: têm o mesmo título, *La Peur (O Medo)* e foram publicados em dois jornais, com dois anos de distância, em 1882 e 1884. Com uma estrutura similar, estas duas pequenas pérolas apresentam-se como declinações da paixão maior de Maupassant: o medo, protagonista de muitas das suas histórias. A tradução é de Ana Cardoso Pires. De Katherine Mansfield, *História de Um Homem Casado*, com tradução de Clara Rowland, é um texto inacabado mas de uma beleza e de um arrojo formal que fazem dele um marco importante na escrita contística. O mesmo e mais se poderá dizer da extraordinária novela de Robert Musil, *A Portuguesa*, com tradução de Maria Antónia Amarante. Tendo como pano de fundo uma Idade Média simbólica, *A Portuguesa* é um texto eminentemente moderno, fundado no contraste entre a construção alucinadamente detalhada das paisagens exteriores e as sombras vagas e suspensivas das paisagens interiores dos personagens. De Georges Perec, José Lima traduziu *A Viagem de Inverno*, delícia metaficcional que parece vir preencher o que terá ficado por explicar sobre a questão das influências literárias no século XIX... De Maria Ondina Braga, recentemente falecida, a *Ficções* retoma *Estação Morta*, conto que dá o título ao seu livro de 1980. E do jovem autor brasileiro André Ricardo Aguiar chegam-nos, de surpresa, os *Pequenos Terremotos*.

ISBN 972-8625-11-1



9789728625115